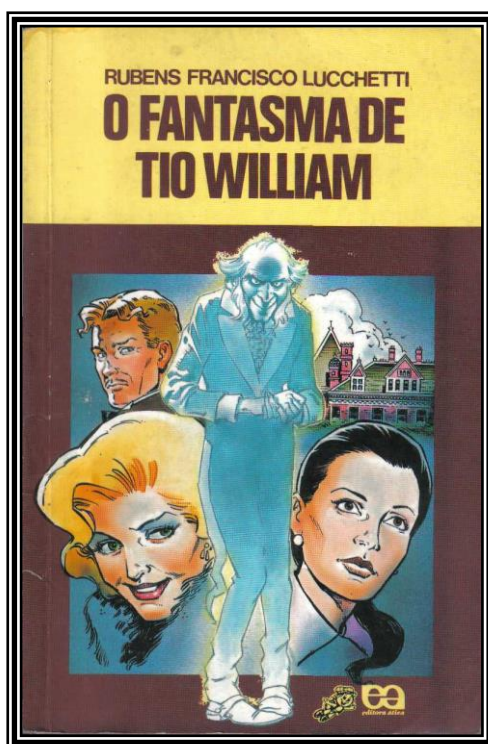


VAGA-LUME

SÉRIE



O FANTASMA DE TIO WILLIAM

Autor

RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI

Digitalização e Revisão

ARLINDO_SAN



Rubens Francisco Lucchetti

O FANTASMA DE TIO WILLIAM



Série Vaga-Lume



UMA HISTÓRIA QUE RESISTE AO TEMPO

Um dos mais calejados escritores brasileiros, Rubens Francisco Lucchetti, paulista nascido em Santa Rita do Passa Quatro e criado na capital do Estado, escreve há cerca de meio século. Nessa longa e ininterrupta atividade profissional, vem produzindo romances, contos, histórias em quadrinhos e roteiros para cinema, rádio e televisão.

Autodidata (só completou o primário), foi alfabetizado pela mãe, que usava a Bíblia como cartilha. A partir daí, o menino viciou-se em leitura: todo o dinheiro que ganhava vendendo sucata recolhida nas Indústrias Matarazzo ia para a compra de livros de aventura. A essa alegria somou outra: o cinema, paixão que, garoto nos anos 30 e 40, descobriu nas salas de exibição de seu bairro, a Lapa.

Lucchetti tem por este Fantasma de tio William um carinho todo especial. *“Imaginei a história no começo dos anos 40, contando-a para distrair minha irmã, a qual sofria de uma doença que cedo iria levá-la. O livro tem muito de minhas lembranças da Lapa daquela época: os guardas-civis, com quem eu gostava de conversar; o gostoso bonde aberto que saía da rua Doze de Outubro e ia para vila Anastácio; os passeios de domingo a Pirituba, onde os funcionários ingleses da São Paulo Railway tinham suas mansões e jogavam críquete... São quadros inesquecíveis, que me esforcei por passarão leitor.”*

Desde seu aparecimento, tio William não deixou de fazer das suas: foi folhetim na década de 40, radionovela na de 50 e livro na de 80, divertindo três gerações. Agora, reescrito especialmente para a Série Vaga-Lume, chega aos anos 90, forte e sacudido. Com vocês, o fantasma!

SUMÁRIO

1.	DA INGLATERRA PARA PIRITUBA	6
2.	UM PE DE COELHO PARA MAGDA	6
3.	FANTASMA É UM MORTO QUE NÃO MORREU?	9
4.	ONDE JA SE VIU UM QUADRO MONTAR A CAVALO?!	12
5.	TUDO POR CAUSA DE UM PRATO DE UVAS	14
6.	SERIA A MANSÃO A CULPADA?	16
7.	QUANDO UM NOME PRÓPRIO É IMPRÓPRIO	19
8.	UM GUARDA ATÔNITO	21
9.	O QUE MAGDA IRÁ PROPOR A CARMEN DE LUNA?	21
10.	NUNCA PROVOQUE ALGUÉM DE NOME FILOMENA STOPPA	23
11.	FÚRIA E FLOR DE LÓTUS	26
12.	A SOLUÇÃO NUMA AMPOLA	30
13.	QUANDO MAGDA NÃO É MAGDA E CARMEN NÃO É CARMEN ...	33
14.	O TRIUNFO DE UM VELHO FANTASMA	34
15.	A BOLSA ROUBADA	35
16.	TIO WILLIAM DE CASTIGO	37
17.	NEM TUDO PARECE SER O QUE É	38
18.	UM TRIO DECIDIDO	40
19.	UMA CAMISOLA PARA O JANTAR	41
20.	UM FANTASMA AO TELEFONE	42
21.	COLOCOU O RETRATO, MAS TRANCOU A PORTA!	43
22.	UM CONSELHO DE AMIGO	44
23.	A CADEIRA VAZIA	45
24.	O SEGREDO TEM DE SER MANTIDO	47
25.	AGORA, TUDO DEPENDE DE CARMEN	50
26.	ALGUMA COISA ESTÁ ANDANDO NO ESCURO	51
27.	MANHÃ DE SOL, MAS UM DIA DAQUELES	51
28.	SER OU NÃO SER	53
29.	E AGORA, ANFITEATROFF?	54
30.	QUEM QUERIA NÃO QUER, QUEM NÃO QUERIA QUER	55
31.	O SEGREDO NO BOLSO DO COLETE	56
32.	A NOVA FÓRMULA	56
33.	UMA COMPOSIÇÃO FEITA DE ESPERANÇAS E SONHOS	57
34.	DE VOLTA AO LAR	58
35.	COISAS QUE NINGUÉM EXPLICA	58

Rubens Francisco Lucchetti

O FANTASMA DE TIO WILLIAM



1- DA INGLATERRA PARA PIRITUBA

Na Inglaterra, toda mansão que se preze tem seu fantasma. O solar dos Winston não era exceção: durante séculos, a família teve uma distinta linhagem de almas do outro mundo. Dizia-se que o último representante dessa longa série de assombrações era William Winston, cientista um tanto excêntrico que viveu no tempo da rainha Vitória.

Em vida, esse simpático cavalheiro criou e descobriu coisas fantásticas. Mas parece que todos o consideravam um maluco, e seu gênio não recebeu o reconhecimento que merecia. Ele morreu bem no último dia do século XIX, num terrível acidente provocado por seu mais recente invento, a revolucionária máquina de dar laço em gravata.

Pouco depois da tragédia, seu irmão mais novo, o engenheiro Sir Arthur, último dos Winston, veio construir uma estrada de ferro no Brasil. Tão logo chegou, apaixonou-se pelo país e resolveu viver aqui. Bem depressa, o engenheiro, que já era rico, ficou milionário negociando com café e banana.

Tal qual seu falecido irmão, Sir Arthur tinha suas manias. Uma delas foi construir no bairro de Pirituba, em São Paulo, uma réplica exata do velho lar da família. Depois, mandou trazer para a nova casa todos os pertences da mansão original — e isso, juravam os assustados operários que realizaram a mudança, incluía um fantasma, preso no sótão.

Sir Arthur casou-se com uma brasileira e ganhou um filho, John. Muitos anos depois, o inglês, bem velhinho, ficou com saudades de sua terra. O casal então se mudou para a Grã-Bretanha, mas John, que já era homem feito e acabara de casar, permaneceu no Brasil.

Nossa história começa em 1940, época em que, como vocês verão, idéias, esperanças e sentimentos eram um pouco diferentes dos nossos — mas nem tanto.

Era uma noite de muita chuva. Trovejava, e os relâmpagos riscavam os céus...

2- UM PÉ DE COELHO PARA MAGDA

No grande salão de jantar, John Winston estava sentado à mesa com sua mulher, Magda. O móvel, muito comprido, mantinha-os separados por boa distância. John era um homem alto e alourado, de uns trinta anos. Sua aparência seria impecavelmente britânica, não fosse pelo bigodinho, que o amalandrava um pouco.

— Magda — disse ele com muita naturalidade, como se fosse falar sobre o tempo —, estou gostando de outra mulher e vou pedir nosso desquite.

Ela, uma bonita morena de seus vinte e cinco anos, ficou calada por alguns segundos, sem demonstrar nenhuma surpresa, e então perguntou:

— Por que esperou tanto tempo para me contar?

— Queria ter certeza.

— E... já tem... certeza?

— Tenho, Magda.

— Mesmo? — indagou ela, delicadamente. — Acha então que uma artista vaidosa e exuberante como Carmen de Luna...

— Como sabe que se trata de Carmen de Luna?

Não houve resposta.

— Magda, como soube que se trata de Carmen de Luna? — insistiu John.

Ainda fingindo que não ouvira, Magda tornou a perguntar:

— Por que tanta certeza, John? Você está mesmo convencido de que será feliz com Carmen de Luna?

— Sei o que estou fazendo. Isto é, acho... — disse ele, cofiando com vagar o bigodinho. Depois, levantou-se e deixou cair o guardanapo sobre o pequinês Sunshine, que estava deitado sossegadamente aos pés da mesa. — Vou à cidade dar uma volta. Talvez passe a noite num hotel. Até mais, querida.

Magda não se perturbou ao ver o marido sair. Nem mesmo o olhou de maneira diferente. Conhecia John muito bem. Quando ele tomava uma decisão, nada o fazia voltar atrás.

Magda achava que o motivo daquela situação era um só: naqueles cinco anos de



*Magda parecia ouvir vozes: "Você é a ruína dos Winston!
Não cumpriu com seus deveres!"*

casamento, ela, por mais que se esforçasse, não conseguira dar um filho a John. Achava que o marido, o qual ultimamente andava muito calado e distante, a estivesse abandonando por causa disso. Entristecida, a moça começava a considerar-se um fracasso.

Logo depois, entrou no salão a velha Magnólia, uma preta gorda e jovial.

— O patrão já acabou de jantar? — perguntou a cozinheira, com sua voz cantante.

— Já — respondeu Magda, acrescentando: — E também acabou comigo, Magnólia. Talvez tenha sido melhor assim. Aliás, já que chegamos a este ponto, eu e você teremos de deixar a casa hoje mesmo.

— Isso não, patroa! — retrucou Magnólia, meneando a cabeça decididamente, como se falasse a uma criança teimosa. — Não vou sair daqui. E a senhora também não.

A empregada era categórica.

— Mas, Magnólia! Você detesta a casa tanto quanto eu.

— É verdade. Não gosto daqui, parece um cemitério. Mas quem sai assim não volta mais!

— Que posso fazer?... — Havia angústia nos imensos olhos castanho-claros da moça.

Magnólia ficou mais animada e convidou:

— Vamos tomar uma xícara de café bem quente e pensar numa solução.

A preta afastou-se. Por alguns minutos, Magda ficou pensativa. Então, ao dar-se conta de que estava sozinha, levantou-se apressada e foi atrás de Magnólia.

Quando Magda ia passando pelo hall tão cheio de sombras, sentiu um calafrio. Apressou o passo, na esperança de não precisar encarar a longa fila de retratos da família Winston. Mas não pôde deixar de notar a hostilidade com que todos a olhavam. Lá estava a tia Gracie, o tio William, a tia Ada, o primo Howard, o vovô Cedric e, principalmente, a vovó Dee, a que mais a impressionava. Magda ouviu um ruído abafado e parou, amedrontada. Um a um, os quadros foram ganhando vida! Todos aqueles parentes mortos apontavam o dedo para Magda, acusando-a. Então, Magda pareceu ouvir um coro de vozes:

“Você é a ruína dos Winston! Não cumpriu com seus deveres. Por isso John a deixou! Por isso ele se apaixonou por outra!”

Magda correu às tontas até a copa, batendo ruidosamente a porta. Magnólia logo apareceu com uma xícara fumegante. A velha cozinheira adoçou o café e olhou para Magda, que se recostara na cadeira, com os olhos quase fechados.

— Você tem razão, Magnólia! Vou encontrar uma saída! Preciso convencer o John a...

Magnólia nem a deixou terminar a frase.

— É assim que se fala! — exclamou, oferecendo algo à patroa. — Pegue isto.

— O que é?

— Um pé de coelho. Vai lhe trazer sorte.

— Verdade?

— É, sim. Eu mesma criei esse coelho. Ele só comia trevo de quatro folhas. Tome.

3- FANTASMA É UM MORTO QUE NÃO MORREU?

Mais tarde, enquanto Magda dormia, tio William caminhava de um lado para o outro.

— Se essa moça me tirasse daqui, eu poderia ajudá-la! Preciso sair o quanto antes, senão vou explodir!

Tio William não conseguia dominar a impaciência. Agarrou nervosamente a maçaneta e quase conseguiu derrubar a porta.

O barulho despertou Magda e Sunshine. Magda levantou-se, assustada, e Sunshine começou a latir.

— Quietos, Sunshine! — sussurrou Magda.

Já ia chamar John, mas lembrou-se de que ele não voltara para casa. Com a respiração em suspenso, ficou aguardando a repetição do barulho.

Tio William também estava atento, à espera de algum sinal animador. Como tudo continuava em silêncio, tornou a agarrar a maçaneta da porta e a sacudi-la com violência. O barulho chegou nítido aos ouvidos de Magda, que arregalou os olhos.

— Outra vez! — exclamou. Sunshine replicou com um latido mais forte. — Vamos dormir, Sunshine. Você pode pensar que acredito em almas penadas.

Mas Sunshine não estava mais a seu lado. Como uma flecha, o pequinês subira a escada, indo em direção ao quarto de tio William.

Magda ficou intrigada. Que haveria lá em cima? Naqueles cinco anos de casamento, nunca se preocupara em abrir aquele cômodo.

Apanhou um castiçal, acendeu a vela e foi para a escada, começando a subir os degraus que levavam ao sótão. Mais uma vez, ouviu o barulho de alguém forçar a maçaneta. Sunshine latia como louco.

Chegando ao topo, Magda encaminhou-se para a



— Tio William! — Magda estava boquiaberta.
De imediato, reconheceu o velhinho retratado no hall.

porta. Sunshine dava pulos de ansiedade. Ela olhou em torno e viu a chave, pendurada no batente. Enfiou-a na fechadura. Quando a porta se abriu, uma golfada de ar apagou a vela!

A porta rangeu demoradamente, e Magda ouviu passos. Morrendo de medo, esperava que a qualquer momento uma mão ossuda lhe apertasse a garganta.

Mas o barulho cessou. Depois, veio um ruído diferente! Parecia que alguém tentava acender um fósforo. Magda ficou ainda mais apavorada. Pensou em ajoelhar-se e rezar para que tudo passasse.

Então, uma chama de fósforo iluminou o ambiente. E o que surgiu? Nenhum monstro horrível, mas a imagem, um tanto etérea, de um homenzinho de olhos claros e simpáticos.

— Como vai? — cumprimentou ele, timidamente.

— Tio William! — Magda estava boquiaberta. De imediato, ela reconheceu o velhinho retratado num dos quadros no hall.

— Isso mesmo. Espero que não tenha ficado amedrontada — disse o fantasma, irritado com o ranger dos próprios sapatos.

Magda não estava apenas amedrontada. Estava petrificada. Tio William parou diante dela.

— Quer que acenda a vela? — perguntou ele, com certo acanhamento. Como não houvesse resposta, acrescentou: — Minha filha, não fique com medo. Não faço mal a ninguém.

Magda afinal encontrou forças para falar.

— O senhor... está... mo... morto... não está?

Tio William sorriu, benevolente.

— Que você acha? Pareço um cadáver?

Magda sacudiu a cabeça, devagar.

— Não, mas... Há quanto tempo o senhor está aí dentro?

Tio William fez uma careta de desgosto e afrouxou o colarinho.

— Quarenta anos. Não gosto nem de pensar nisso!

A mão de Magda começou a tremer. Quando ela tornou a falar, sua voz estava quase inaudível.

— Não acha melhor voltar para o quarto?

Surpreso, tio William arregalou os olhos azuis.

— Por quê?

— Porque... Sei lá... seu lugar é ali... não é?

Tio William viu que Magda continuava apavorada. Sabia o que ela estava pensando. Se ele não agisse rápido, a simples força mental da moça o empurraria de volta para o quarto. Pois é, fantasma tem dessas coisas... E só Deus sabe quantos anos mais ele teria de ficar ali, esperando que outra pessoa viesse em seu auxílio! Mas tio William era um homenzinho esperto e já tinha um plano. A primeira providência era colocar-se na posição de amigo. Proporia ajuda a Magda e alcançaria a liberdade que tanto almejava. Com muita diplomacia e simpatia, tio William começou a agir.

— Querida, vejo que minha presença perturba você um pouco. Mas confie em mim. Posso ser de grande utilidade.

— Grande utilidade? — repetiu Magda.

— Claro — respondeu o velhinho.

Tio William sabia que sua próxima fala seria decisiva. Dela resultaria ou a liberdade ou um novo e longo cativeiro. Tudo dependia da reação da moça.

— Magda, quer que John volte para você?

A expressão de Magda passou do medo à surpresa:

— Como soube desses... acontecimentos?

Tio William estava ciente de que qualquer palavra menos apropriada poria tudo a perder.

— Não quero que pense que estive bisbilhotando. Mas o fato é que não pude deixar de ouvir...

— E então?...

Tio William ficou mais animado. A reação parecia positiva.

— Minha filha, vou mostrar-lhe o quanto posso ser útil.

— Pode mesmo?

O tom de Magda era esperançoso. Sua mão já não tremia, e ela esquecera-se do medo. Agora, tio William estava certo de que seu plano tivera sucesso. Podia enfim conquistar a liberdade.

Nisto, como num passe de mágica, tio William perdeu todo o aspecto de imagem ilusória. Tornou-se tão real quanto a mais real das coisas reais — pelo menos aos olhos de Magda.

Todos os receios e dúvidas da moça dissolveram-se como bolhas de sabão. Tio William era apenas uma criaturinha simpática e prestativa. Assim, a expressão nervosa de Magda transformou-se num sorriso.

— Por que o senhor quer me ajudar? — perguntou, sem temor.

— Não posso tomar outra atitude. A família deve permanecer unida! E tenho certeza de que você vai ajudar na conclusão de minha fórmula.

— Eu? Fórmula? — Magda espantou-se, sem saber a que ele se referia.

O velhinho abriu bem os braços e falou mais alto:

— Graças a você, deixarei os cientistas estupefatos e revolucionarei o mundo inteiro!

A voz de Magda reduziu-se a um simples sussurro de admiração:

— O mundo inteiro?

— Isso mesmo. A ciência reconhecerá minha genialidade. Ajudarei milhares de pessoas! — Cada vez mais exaltado, apontou o dedo para Magda. — E tudo vai começar por você!

— Não estou entendendo... Afinal, que tipo de ajuda vai me dar?

Tio William ficou surpreso com a pergunta. Afrouxando mais o laço da gravata (ele já não gostava muito de gravatas...), disse:

— Ora, toda a ajuda de que você precisar. Mas o êxito de minha fórmula depende inteiramente de você, de John... — fez um rápido silêncio — ...e da outra mulher.

Magda não sabia o que dizer. Estava um bocado confusa. Entretanto, sua intuição dizia-lhe que devia seguir o tio.

— Depende de nós? Acho que não entendi.

— Não há nenhuma complicação, querida. Vocês serão minhas cobaias.

— Cobaias?!

— É só um modo de falar — assegurou tio William.

— E não vai ser perigoso?

— Perigoso? Nem um pouco! Será uma experiência interessantíssima — enfatizou ele, pondo a mão no ombro de Magda —, principalmente para você. Já não está mais amedrontada, está?

Magda esboçou um sorriso.

— Bem... se isso me ajudar... Acho que não terei medo.

— Não há motivo para ficar preocupada. A que horas servem o café da manhã?

— Às oito.

Os olhos de tio William brilhavam, cheios de expectativa.

— Diga-me, querida, você segue o hábito dos Winston de fazer um pouco de exercício antes do café?

— Sim, eu costumo cavalgar um pouco.

— Nesse caso, serei aceito como companhia? Estou ansioso por ver a luz do sol.

— Mas é claro! Vai ser ótimo.

— Então, vamos nos encontrar nas cavalariaças às sete horas. Que tal?

— Perfeito! — concordou ela, muito animada.

— Agora, boa noite e... sonhe com os anjos.

4- ONDE JÁ SE VIU UM QUADRO MONTAR A CAVALO?

Na manhã seguinte, o sol veio brilhante, inundando os jardins da mansão Winston. Da terra, desprendia-se o gostoso aroma de mato molhado.

Nas cavalariaças, Jambo, o preto alto e magro que tratava dos animais, estava à espera de Magda. Jambo falava devagar, tão devagar que às vezes se tinha a impressão de que não estava vivo. Parecia ter os olhos sempre pesados de sono. Magda aproximou-se, muito alegre.

— Bom dia, Jambo!

Jambo tirou lentamente o boné e, mais lentamente ainda, voltou a colocá-lo.

— Bom dia, madame. Selei Betsy e Juno, conforme o recado que a senhora deixou.

Sunshine latiu e disparou pelo caminho. Seguindo-o com os olhos, Magda viu tio William. Muito contente, Magda virou-se para Jambo.

— Ótimo! Traga os cavalos.

— Sim, senhora.

Magda precisou conter-se muito para não rir do antiquado traje de montaria de tio William: botas que chegavam aos joelhos, calças de montaria xadrez, fraque, camisa de peito duro, gravata listrada e, encimando tudo isso, uma cartola. Jambo voltou trazendo os cavalos. Tio William, com ares de conhecedor, observou-os atentamente.

— Hum! Os Winston ainda sabem escolher cavalos — aprovou ele.

— Fico satisfeita em ouvir isso.

Jambo, que via apenas Magda, perguntou:

— A senhora está falando comigo?

Magda sorriu.

— Não. Estava agradecendo os elogios de tio William.

— Quê? — Jambo arregalou os olhos.

Mas Magda não percebeu o espanto do empregado e ordenou:

— Jambo, ajude tio William a montar Juno.

Os olhos do cavaleiro pareciam querer saltar das órbitas.

— Ajudar quem?

— Ajudar tio William! — repetiu Magda, um pouco impaciente.

Jambo olhou em torno, à procura do tal tio, mas não o viu em parte alguma.

— Agora não é mais preciso — disse Magda. — Tio William montou sozinho.

Com graça e firmeza, Magda montou seu animal e virou-se mais uma vez para Jambo, que continuava boquiaberto.

— Jambo, corra até a casa e diga a Magnólia que tio William tomará café comigo.

Ainda mais espantado, Jambo fitou Magda afastar-se montada em Betsy. Juno seguia ao lado, aparentemente sem ninguém na sela.

O negro correu mesmo para a casa e, ofegante, entrou na cozinha. Magnólia estava preparando torradas e ovos.

— Não me diga que está acordando agora, Jambo.

— A patroa... disse... que tio William... vem tomar café com ela.

— Tio William?!

— Você... conhece... o homem?

— Claro que conheço. É um dos parentes do patrão. Morreu faz tempo. Está num quadro lá no hall.

Jambo sacudiu a cabeça, triste.

— Ele não está mais no quadro...

— Então onde está?

Jambo abriu os braços, num gesto de desalento.

— Foi passear a cavalo com a patroa.

Magnólia retrucou, desdenhosa:

— Ora essa! Quem já viu um quadro montar a cavalo? Ainda mais o tio William...

— A patroa pediu que eu ajudasse tio William a subir no cavalo, mas não vi ninguém... Então, ela disse: “*Não precisa mais, ele já montou*”. Depois os dois saíram juntos.

Magnólia fez cara de choro e levou um guardanapo aos olhos.

— Tadinha! O patrão a abandona, e agora ela fica vendo coisas...

Jambo tremia dos pés à cabeça.

— Eu vou embora daqui — disse ele. — Sou um homem doente e não estou em condições de selar cavalos para almas do outro mundo!

— Escute uma coisa, seu vagabundo — ralhou a cozinheira, mudando rapidamente de expressão —, ninguém vai embora, entendeu? Agora, saia da minha frente antes que eu perca a paciência e rache sua cabeça com esse pau de macarrão!



*Espantado, Jambo fitou Magda afastar-se.
Juno seguia ao lado, aparentemente sem ninguém na sela.*

5- TUDO POR CAUSA DE UM PRATO DE UVAS

Quando voltaram do passeio, Magda e tio William foram para o terraço. Magda estava linda em suas calças de montaria brancas e seu suéter verde-claro, com os longos cabelos escuros presos num rabo-de-cavalo.

— Sempre adorei tomar café no terraço — disse Tio William, muito bem-disposto.

Os dois caminharam para as cadeiras de ferro laqueado.

— Sente-se aqui, tio William! — sugeriu Magda.

— Como você achar melhor, minha filha.

Sin Low, o copeiro chinês, apareceu à porta trazendo uma enorme bandeja com café, leite, torradas, ovos e uma pêra partida ao meio.

— Bom dia, madame.

— Bom dia, Sin Low. — Enquanto o chinês arrumava a bandeja à sua frente, Magda acrescentou: — Tio William talvez prefira um suco de laranja.

Sin Low, que não via pessoa alguma além de Magda, ficou meio desconcertado.

— Está falando comigo, patroa?

Antes que Magda pudesse responder, tio William interveio, timidamente:

— Seria possível um prato de uvas?

— Uvas? Vá ver se encontra uvas, Sin Low.

— Muito bem, patroa.

Na cozinha, Sin Low contou tudo a Magnólia. Não estava alarmado com o comportamento da patroa, mas Magnólia ficou preocupadíssima.

— Continue! — pediu a cozinheira.

— Então a patroa olhou para a cadeira e perguntou se ela queria suco de laranja. A cadeira disse que não, preferia uvas.

— Uvas?!

— É. Que tem isso?

— Mas a patroa nunca gostou de uvas!

— Não são para ela, são para a cadeira.

— Deixe. Eu mesma vou lá resolver isso.

No terraço, Magda sorriu ao notar que um pedaço do jornal havia sido cortado. Ia explicar a tio William que o recorte devia ter alguma ligação com John, mas Magnólia apareceu.

— Que é, Magnólia?

— A patroa nunca gostou de uvas, não é? — perguntou angustiada, quase em prantos.

— É, nunca gostei. Mas não são para mim, são para tio William.

Ao ouvir esse nome, Magnólia desatou a chorar.

— Mas que vergonha, Magnólia! Fazer um escândalo por causa de umas uvinhas!... Agora pare com essa choradeira e me dê o pedaço de jornal que você cortou.

— Era só uma receita de bolo. A senhora não vai se interessar.

— Não faz mal. Eu quero essa receita — insistiu Magda, estendendo a mão.

Magnólia assoou o nariz, meteu a mão no bolso da saia e passou o recorte de jornal à patroa. Magda leu-o em voz alta.

— *“Agora que o casal John Winston resolveu desquitar-se, Carmen de Luna abandonou o teatro, deixando sem sua estrela principal a peça de Sílvio Neto.”* Diga-me

uma coisa, tio William. — Havia ansiedade na voz da moça. — Quando vai começar a trabalhar em sua fórmula?

— Logo depois do café, querida.

— Estou tão ansiosa que mal posso esperar.

Magda, porém, teve de ser paciente. Tio William não comia havia quarenta anos e estava com enorme apetite. Magda achara que ele comera muito, mas, quando se levantaram, Sin Low viu que um dos pratos continuava intocado.

Tio e sobrinha passaram pelo hall.

— Deixe-me pensar um pouco — disse ele. — Esqueci onde fica a entrada do porão.

— É debaixo da escada.

— Ah! É mesmo.

Magda seguiu-o até a porta. Ele abriu-a e olhou o lúgubre interior.

— Que escuridão!

— Quer uma vela, tio?

— Ótima idéia.

Magda foi rapidamente à copa e voltou com duas velas e fósforos. O velhinho as acendeu, dizendo:

— Eu vou na frente.

Magda já ia segui-lo, mas Magnólia apareceu no hall.

— Vai descer? — perguntou a preta, alarmada.

— Vou acompanhar tio William.

— Não faça isso! É muito escuro lá embaixo.

Magda irritou-se.

— Chega dessas preocupações! Eu tenho uma vela.

A empregada desesperou-se.

— Por favor — suplicou, ajoelhando-se —, não desça com tio William!

— Magnólia, ponha-se de pé! — esbravejou Magda.

A cozinheira levantou-se.

— Que vai fazer no porão?

— Tio William precisa de mim.

— Para quê?

— Vou ajudá-lo a revolucionar o mundo científico — sussurrou Magda, em tom confidencial.

— Quê?! — espantou-se Magnólia.

Mas a patroa já descera. Magnólia tomou coragem, foi ao telefone e, com dedos ainda trêmulos, discou um número. Quando atenderam, ela falou aos gritos:

— É o Dr. Luís? É Magnólia, doutor. Pelo amor de Deus, venha antes que seja tarde! Não estou doente, não. Quem precisa do senhor é a patroa! Quê? Onde está ela? Está no porão com tio William. Quem é tio William? Não é ninguém, doutor. É um quadro lá do hall. Morreu faz muito tempo. Como? Isso não é verdade, doutor. Todo mundo sabe que eu não bebo! Como é que sei que há um tio William? Sei porque ele andou a cavalo com a patroa e depois não quis comer minhas uvas.

6- SERIA A MANSÃO A CULPADA?

Quando o Dr. Luís Brito chegou à mansão Winston, foi recebido pela trêmula e chorosa Magnólia.

— Muito bem, que está acontecendo? — perguntou ele.

O Dr. Luís parecia mais um médico de subúrbio do que um clínico procurado pela alta sociedade. Homem de meia-idade, suas maneiras calmas, sem afetação, agiam como verdadeiro sedativo sobre os doentes. Alto e um pouco encurvado, tinha olhos tão penetrantes que pareciam descobrir os mais íntimos pensamentos de seus clientes.

Nos últimos meses, passara muitas noites com a família Winston e estava cada vez mais preocupado com Magda. Notava que a velha mansão exercia sobre a moça uma influência perniciosa. Como amigo, tinha vontade de propor que o casal se mudasse para local mais alegre, mas ainda não se sentia tão íntimo a ponto de fazer uma sugestão desse tipo.

— Doutor — disse Magnólia —, o senhor sabe que eu não gosto de me meter na vida dos outros. Mas a situação ficou muito séria. O senhor precisa ajudar dona Magda!

— Onde está ela? — O médico não deixou transparecer sua preocupação.

— Ela foi ao porão com tio William.

— Esse tio morreu há quanto tempo?

— Mais de quarenta anos. — Magnólia apontou o quadro no hall. — É aquele. Morreu lá na Inglaterra.

O médico examinou o quadro e não conteve um sorriso.

— Desde quando ela começou a imaginar a presença do falecido?

— Desde que o patrão disse que gostava de outra. No que o patrão saiu, tio William entrou...

— John a deixou? Não acredito!

— É verdade. Está escrito aqui — Magnólia entregou-lhe o recorte do jornal.

— Incrível! É mais grave do que eu imaginei. Diga a Magda que desejo falar com ela.

— Sim, senhor. Vou chamá-la.

— Mas não conte nada, ouviu? Quero que ela pense que estou aqui por acaso. Outra coisa: vamos fingir que também estamos vendo tio William.

— É preciso, doutor?

— É, sim. Não devemos contrariá-la.

— Está bem. Vou preparar todas as uvas que o tio pedir, mesmo que não coma nada...

— Muito bem, Magnólia.

Nesse momento, a porta do porão abriu-se e Magda apareceu. O Dr. Luís logo viu o quanto ela estava alegre.

— Luís! Que bom vê-lo!

— Como vai, Magda? Vim visitar um paciente aqui perto e passei para perguntar como vão as coisas. — O médico olhou-a da cabeça aos pés. — Pelo que vejo, você está com ótima aparência.

— Não é melhor assim?

— Sem dúvida. Andou tomando aquelas vitaminas que receitei?

— Não. Quer mesmo saber quem é o responsável por minha aparência?

— Claro.

— Não vai ficar com ciúmes?

— Bem, talvez um pouquinho. Mas já estou bem crescido e não vou ficar emburrado. Quem é?

— Tio William.

— Tio William?

— É o tio de John — explicou ela. — O homem mais inteligente do mundo.

— Gostaria de conhecê-lo. — O amigo fingia seriedade.

— Em outra ocasião. Ele agora está ocupadíssimo com sua fórmula. Por falar nisso, Magnólia, traga-me um cálice graduado.

— Um cálice graduado? — perguntou a cozinheira, com voz sumida.

— É, daqueles marcados com números. Tio William vai precisar disso.

— Sim, senhora.

Vendo Magnólia afastar-se triste e abatida, Magda meneou a cabeça e virou-se para o médico:

— É ela quem precisa de vitaminas, Luís.

Ansioso por retornar ao assunto tio William, o médico perguntou:

— Que fórmula é essa? Parece muito interessante.

Os olhos de Magda brilharam de contentamento.

— É sim! Não conheço todos os detalhes, mas tio William garante que será uma verdadeira revolução.

— Mesmo?

— Sem dúvida! E, de quebra, fará John mudar de idéia.

— Mudar de idéia? Como assim?

— John me deixou por causa de outra mulher.

— Bem... — o médico esforçava-se por parecer natural. — Se tio William fizer John voltar atrás, será ótimo.

— Isso mesmo! — concordou Magda. Magnólia voltou com o cálice graduado.

— Desculpe-me, Luís — disse Magda, recebendo o cálice —, preciso levar isso a tio William. Ele me espera no porão.

— Tudo bem. Eu estou só de passagem.

— Então estou desculpada?

— Claro.

— É sempre tão bom vê-lo, Luís. Apareça quando quiser. Vamos jantar juntos uma noite dessas. Assim você terá a oportunidade de conhecer tio William.

— Será um prazer.

Magda desceu a escada do porão. Magnólia olhou-a, atenta.

— Que vai fazer, doutor? — perguntou a empregada.

— John precisa voltar. Senão...

— Senão?

— ...nada poderei fazer.

— E não há o que se possa fazer por agora?

— Já tenho uma idéia.

— Já? Qual?

— Vou à cidade procurar John.

— Tomara que tudo dê certo!... — suspirou Magnólia, mais animada.

O médico saiu da mansão Winston e dirigiu até o Clube de Tênis, onde John costumava ficar. Mas, chegando ao clube, soube que John não estava.

Resolveu esperar. Quase com certeza, John não iria demorar. O Dr. Luís foi à sala de estar e acomodou-se numa das poltronas de couro. Angustiado, ficou imaginando o que estaria acontecendo naquele velho casarão cheio de sombras.

Enquanto o doutor aguardava John, tio William saía apressado do porão, gritando:

— Completei minha fórmula! Magda! Onde está você?

Na mão direita, o velhinho agitava uma pequena ampola cheia de um líquido vermelho brilhante.

Magda estava no andar de cima, escovando os cabelos. Ao ouvir o chamado, correu ao patamar da escada.

— Estou aqui em cima, tio William.

Ele começou a subir a escada.

— Está terminado o trabalho, querida! A fórmula está completa!

— Tão depressa?!

— Por que esse espanto?

— O senhor havia dito que a coisa era fantástica. Pensei que fosse demorar mais tempo.

— Você se esquece de que passei quarenta anos planejando todos os detalhes? — Tio William baixou a voz e sussurrou no ouvido de Magda: — E, agora que está tudo pronto, quer saber qual é o segredo?

— Claro!

— Então venha cá. Vamos a meu quarto. Lá, ninguém nos ouvirá.

Horas depois, tio William abriu a porta de seu quarto no sótão, e Magda saiu muito contente.

— Vou trocar de roupa — disse ela. — Daqui a pouco nos encontraremos na garagem.

Ao descer a escada, quase trombou com Magnólia, que subia a passos lentos.

— Que gritaria, patroa! Aconteceu alguma coisa?

Magda, jubilante, agarrou Magnólia pelo braço.

— Tio William completou a fórmula! Uma maravilha!

— A tal fórmula que vai mudar o mundo?

— Essa mesmo. Ele vai me



*O velhinho escorregou pelo corrimão.
Os cabelos da cozinheira se arrepiaram: que teria sido aquilo?*

deixar experimentá-la. Tio William é um gênio, Magnólia. Um gênio! Ah, se você soubesse!...

Magda seguiu adiante.

— Aonde vai, patroa?

— Vamos à cidade!

— O “*tio William*” também?

— Claro! Temos de resolver assuntos importantes.

— Mas a senhora não vai almoçar? A comida já está pronta.

— Almoçar? Ora, Magnólia, que idéia!

Nisto, tio William apareceu no alto da escada. Seu traje era impecável, embora um tanto fora de moda: botinas pretas, polainas brancas, calças risca-de-giz, fraque, colete, camisa de colarinho duro, gravata listrada larga e chapéu-coco. Começou a descer apoiando-se numa bengala, mas parou de súbito, olhando para o corrimão com um ar de criança travessa. Sem se importar com Magnólia, o velhinho jogou a perna por sobre o corrimão e escorregou com a rapidez de um raio. Magnólia sentiu o deslocamento de ar que se produz quando algo passa velozmente a nosso lado. Os cabelos da cozinheira se arrepiaram: que teria sido aquilo?

7- QUANDO UM NOME PRÓPRIO É IMPRÓPRIO

A separação do casal Winston era o assunto de todas as rodas. A notícia, publicada pelo cronista Félix Sá, caíra como uma bomba, e o mais indignado era Sílvio Neto, produtor da peça em que Carmen de Luna deveria atuar.

Sílvio era um quarentão baixo, gordo e nervoso. Na boca, trazia sempre um enorme charuto apagado. Sabia farejar um talento, e suas descobertas muitas vezes chegavam ao estrelato. No momento, considerava Carmen sua maior atriz.

Encontrara-a anos antes, num pequeno teatro de subúrbio, quando ela ainda usava seu nome verdadeiro, Filomena Stoppa. Seus cabelos de fogo, seus olhos verdes e seu charme logo deslumbraram Sílvio.

Mas ela tinha um temperamento difícil, imprevisível. No início, essa sua faceta não se mostrara. Durante os ensaios da peça, comportara-se com disciplina, cooperando com todos e contribuindo para o sucesso geral.

Depois da primeira noite de espetáculo, entretanto, seu jeito de ser foi se revelando cada vez mais. Colérica, egocêntrica, autoritária, fazia exigências mil e conseguira indispor-se com todos os colegas. Sílvio, considerando os valores positivos da nova estrela, procurou conviver com a situação.

Carmen estava sempre representando um papel, no palco e, principalmente, fora dele. A parte mais difícil começara quando conhecera John Winston. Diante deste, Carmen tomava atitudes gentis e ponderadas, que a faziam parecer bastante equilibrada. Afinal, John Winston representava tudo o que ela sempre almejava: dinheiro e uma posição na alta-roda. O fato de ser casado era um detalhe sem muita importância. Para conquistar o milionário, ela colocara em cena todo o seu poder de sedução.

Sílvio Neto sabia que a verdadeira Filomena Stoppa só vinha à tona quando a atriz ficava furiosa.

— Bom dia, Sílvio! — disse Carmen, amável.

O produtor sentiu o sangue ferver nas veias. Se ao menos ela deixasse aquele fingimento de lado...

— Desculpe-me se o fiz esperar — continuou ela, aproximando-se e fazendo biquinho. — Mas você veio tão fora de hora.

— Vamos deixar o charminho de lado e entrar logo no assunto.

— Nossa, Sílvio! Que palavras ríspidas!

— Talvez eu seja mesmo ríspido, mas ao menos não tenho duas caras.

Carmen apertou os olhos.

— Que você quer dizer?

— Só isto — respondeu ele, abrindo o jornal diante dela. — Agüentei muita coisa, mas agora já é demais!

— Não sei do que está falando.

— Quem mandou você dar ao jornal uma notícia dessas?

— Mas é verdade, Sílvio. John vai desquitar-se. Disse-me isso ontem à noite.

— Ontem à noite? Você anda depressa!

— Não tive a menor interferência no caso.

— Claro que não. Você é uma pombinha inocente, seria incapaz de uma coisa dessas.

Carmen afastou-se bruscamente e fixou Sílvio com olhos faiscantes:

— Sabia que isso não é de sua conta?

— Está enganada, meu bem. É de minha conta, sim, senhora. Você tem um contrato comigo!

— Escute aqui, Sílvio Neto! Tenho o direito de viver minha vida como bem quiser. Não vai ser um pedaço de papel o que me fará mudar de idéia.

Com raiva, Sílvio mordeu o charuto.

— É verdade. Não posso forçá-la a trabalhar. Mas vou processá-la por rompimento de contrato.

— E daí? Não ligo a mínima. Logo serei a Sra. Winston e não vou ter de me preocupar com essas picuinhas.

— Isso é impossível!

— Pois você não perde por esperar! — retrucou ela, gritando. — Assim que o desquite estiver arranjado, John e eu vamos nos casar no Uruguai.

— Mas e sua carreira?

— A carreira que vá para o inferno! Vou ser da alta!

— Ora, Filomena, deixe de palhaçada e volte ao teatro!

— Filomena! — Ela estava possessa. Sílvio abaixou-se a tempo de não ser atingido por um vaso, que se espatifou contra a parede. — Quem lhe deu o direito de me chamar assim?!

— Você é e sempre será Filomena Stoppa!

— É o que você pensa, idiota!

— Nunca será uma grã-fina.

— Ora, seu...

— Querida, conheço você muito bem e sei o que estou dizendo.

— Caia fora, Sílvio!

— Fique sabendo que só sairei de sua vida quando essa farsa terminar — retrucou o empresário, com firmeza. — Primeiro, esse tal Winston precisa saber do seu passado... das suas mentiras...

— Não me venha com ameaças. Sem mim, você não é nada. Aliás, benzinho, acho que você terá de cancelar sua peça.

— Por quê?

— Você sabe, esse texto foi escrito exclusivamente para mim.

— É verdade... — concordou ele, encaminhando-se para a porta. — Mas que posso fazer? Se você não quiser continuar, vou procurar Lilian Dias.

— Lilian Dias?! Aquela loura oxigenada?! Você não se atreveria!

Sílvio riu.

— Passe bem, Filomena! — disse ele, desviando-se de uma cigareira de ônix atirada em sua direção.

8- UM GUARDA ATÔNITO

Magda nunca deixava de cumprimentar o guarda Raul, o simpático policial que costumava se postar na esquina da Doze de Outubro com a Clemente Álvares. Ela aguardou que o bonde de Vila Anastácio se adiantasse e freou.

— Boa tarde, Raul!

No banco de trás, Sunshine latiu para o guarda.

— Boa tarde, dona Magda! Eu... eu... Desculpe, mas... é verdade o que está escrito no jornal?

— Aquela notícia idiota? — Magda riu. — Claro que não!

— Ainda bem!

— Raul, você conhece tio William? — perguntou ela, apontando para o lado. Respeitoso, tio William tirou o chapéu para o guarda.

Raul arregalou os olhos, mas não viu coisa alguma no banco do carro.

— Bem, já vamos indo, Raul. Temos muita coisa para fazer hoje. Até logo.

Magda seguiu caminho. Vendo o carro ir-se embora, Raul tirou o quepe e coçou a cabeça, perplexo.

9- O QUE MAGDA IRÁ PROPOR A CARMEN DE LUNA?

John voltou ao clube e soube que o Dr. Luís o esperava.

— Olá, Luís! — exclamou ele, adiantando-se para o médico. — Que bom vê-lo! Alguma novidade?

— Sim, John. Preciso muito' conversar com você. John percebeu que o amigo já sabia de sua decisão.

— Será que vou ouvir um sermão?

— Não vim para isso. — O médico estava muito sério.

— Que é, então?

— Acho que você tem de voltar para casa agora mesmo.

— Por quê?

— Têm ocorrido coisas estranhas. Sua decisão transtornou Magda por completo. Ela já não é a mesma.

John esforçou-se por ocultar sua preocupação.

— Ora, em pouco tempo ela estará boa.

— Talvez, John. Mas também pode ser algo muito mais grave e permanente.

O milionário já não escondia sua curiosidade.

— Afinal, o que está acontecendo?

— Magda está vendo coisas. Estive na mansão há duas horas, e sua mulher me garantiu que um parente já falecido vai fazer que você volte para casa.

John ficou bem espantado.

— Falecido? Quem?

— Um tal tio William.

O milionário mergulhou o rosto entre as mãos e gemeu:

— Será possível?

Passados alguns segundos, recompôs-se:

— Ela sempre detestou aquela casa, Luís. Fui eu quem a obrigou a morar lá. Mas vou tomar providências para que ela se mude hoje mesmo.

— Eu não faria isso. Pode ser perigoso.

— Perigoso?

— Sim. Veja bem, Magda associa tio William à mansão. Se a tirarmos de lá, ela pode entrar em parafuso. O melhor é esperar que essa fase passe. Enquanto isso, temos de fingir que também vemos tio William, como se ele estivesse tão vivo quanto nós. Acho melhor não discutir com Magda nem ridicularizar suas fantasias. Uma atitude hostil poderia ter resultados fatais.

— Fatais? — John estava boquiaberto.

— Isso mesmo. Ela pode obstinar-se e manter indefinidamente viva a imagem desse fantasma. Não podemos correr esse risco.

— Bem, se é assim... — aquiesceu John, abatido.

O Dr. Luís ficou com muita pena do amigo e procurou animá-lo:

— Ora, não sejamos pessimistas! Quem sabe?...

John estava num dilema. Seu lugar agora era junto de Magda, mas qual seria a reação de Carmen? Ainda na véspera, prometera a Carmen não retornar à mansão Winston enquanto a atriz não fosse sua esposa.

John não queria mentir. Por isso, antes de voltar para casa passaria pelo elegante edifício em que morava Carmen, o Château d'Argile, e lhe explicaria a situação. Ao entrar em seu carro, porém, John estava longe de imaginar que naquele mesmo instante Magda estacionava em frente ao Château.

Magda desligou o motor e, franzindo as sobrancelhas, perguntou:

— Tio William, e se a tal Carmen se recusar a provar a fórmula?

— Ela não pode recusar. Você tem de convencê-la, custe o que custar.

— E se me fizer uma porção de perguntas? Por exemplo, suponhamos que ela queira saber quanto tempo durarão os efeitos da fórmula.

— Nesse caso, acho que teremos de dizer umas mentirinhas.

— Como assim? — Magda ficou ressabiada.

— Pense bem, minha filha. Essa atriz por acaso hesitou em tomar seu marido?

Magda respondeu em voz quase inaudível:

— Acho que não.

— Pois então! Acha que devemos ter remorsos de enganá-la?

A moça deixou-se convencer:

— É, o senhor está certo.

— Tudo será muito fácil, você vai ver. Agora, voltando àquela sua pergunta, acho que você pode dizer a Carmen que os efeitos da fórmula durarão apenas uma semana.

— Está bem, mas quanto tempo vão durar de fato?

— O quanto você quiser.

— Não estou entendendo.

— Tenho aqui um antídoto — respondeu tio William, tirando do bolso do colete um frasquinho cheio de um líquido verde-esmeralda. — Enquanto você estiver com essa ampola, terá o controle da situação.

— O senhor é um gênio, tio William!

— Obrigado, Magda. E agora tenho outra sugestão.

— Qual?

— Tão logo a fórmula produza os primeiros efeitos, quero que você procure o jornalista que escreveu a tal notícia.

— Félix Sá?

— Ele mesmo! Quanto mais cedo for publicada a retificação, tanto melhor para todos.

— Mas e se Carmen de Luna estiver mesmo querendo abandonar o teatro?

— Fique certa de que ela não tem essa intenção. Agora, vá em frente. Boa sorte!

Magda desceu do automóvel, dando um beijo estalado no rosto do velhinho. Depois, acenou para Sunshine, que balançava a cauda e latia estridente.

10- NUNCA PROVOQUE ALGUÉM DE NOME FILOMENA STOPPA

Magda entrou no sofisticado Château d'Argile. O porteiro, que a observara falar sozinha no carro, olhou-a curioso. Magda foi até ele e perguntou pelo apartamento de Carmen. O homem falou com a empregada da atriz pelo interfone e pediu a Magda que subisse.

Cheia de entusiasmo, ela ficou cantando baixinho até sair do elevador. Tocou a campainha, e a empregada veio atender.

— Boa tarde. Carmen de Luna está?

— Está. Pode entrar, Sra. Winston.

Magda não se surpreendeu ao ser tratada pelo nome. Sua foto saía constantemente nas colunas sociais.

Enquanto esperava, Magda sentou-se numa poltrona e ficou examinando a decoração da sala de estar, que demonstrava um gosto meio duvidoso.

Carmen estava sentada diante de uma luxuosa penteadeira, repleta de frascos de perfumes caros. Embora já fosse o começo da tarde, usava uma camisola de cetim.

Sofia, a empregada, entrou e anunciou a visitante.

— Essa mulher está aqui?! E que tal? — perguntou Carmen, baixinho.

— Parece de boa paz.

— Boa paz?! Eu, hem!... É preciso ter muita coragem para vir até aqui.

— Também acho. Que será que ela quer?

— Seja o que for, vou me sair bem.

Cheia de si, Carmen molhou a ponta das orelhas com seu perfume favorito e levantou-se.

— Tome cuidado, patroa — disse-lhe Sofia. — Não vá pôr o carro na frente dos bois.

— Eu sei o que faço! — retrucou Carmen, petulante. Mas pensou melhor e perguntou: — Que você quer dizer com isso?

— Bem... a senhora sabe, ela pode criar caso no desquite.

— É verdade... Não pensei nisso.

— Talvez ela tenha vindo apenas para conhecer a “outra”.

— Olhe como fala, Sofia!... Mas você pode ter razão. É melhor não me precipitar — concordou Carmen, pensativa.

Na porta que dava para a sala de estar, Carmen parou um momento, em nervosa expectativa. Depois, respirou fundo e apareceu diante de Magda, afetando um sorriso.

— Madame Winston!

Magda levantou-se, admirada. Por alguns segundos, as duas mulheres se mediram em silêncio. O contraste entre ruiva e morena era ainda mais acentuado pela diferença de trajes, pois Magda usava um discreto conjunto de lã. Então, Magda tomou a iniciativa de falar.

— Como a senhorita é bonita! — disse, sincera.

Carmen, pega de surpresa, esqueceu-se da afetação e voltou a ser a verdadeira Filomena Stoppa.

— A senhora também não é feia! — respondeu. Depois, retomando sua atitude controlada, indicou uma poltrona. — Sente-se, por favor.

— Obrigada — agradeceu Magda. Vendo Carmen curvar-se e apanhar uma caixa de cigarros, não pôde deixar de notar o belo busto da atriz. — Agora entendo por que John está tão fascinado.

— Bem... — retrucou Carmen, passando a mão nos cabelos, vaidosa. — Gosto de sua franqueza. Aceita um cigarro? — Estendeu para Magda a mesma caixa de ônix que atirara contra Sílvio Neto.



*Por alguns segundos,
Carmen e Magda se mediram em silêncio.*

— Obrigada, não fumo. Acho que a senhorita deve estar querendo saber a razão de minha visita.

— Naturalmente.

— É sobre sua decisão de abandonar a carreira teatral.

— Minha carreira? — Carmen lançou um olhar desconfiado. — Por que esse interesse?

— Ora, meu futuro depende disso.

— Não estou compreendendo...

— Muito simples. Espero que não fique zangada com o que vou dizer.

— E eu espero que a senhora compreenda que estou aqui, conversando, apenas por uma questão de cortesia.

— Sim, eu sei disso.

— Nesse caso, não acha que seria melhor evitar certos assuntos?

— Talvez, mas creio que é preciso encarar os fatos. Então, posso ser sincera?

Carmen não estava entendendo bem, mas preferiu concordar.

— Claro que pode, Sra. Winston.

— De agora em diante, sua vida será como a minha, não? — começou Magda.

— Há algum mal nisso?

— Não, mas você acha que vale a pena sacrificar a carreira?

Carmen respondeu com voz um tanto ríspida.

— Acho que sim. Nasci num meio humilde e agora poderei participar da alta sociedade.

— Mas não acha que a vida da “*alta sociedade*”, como diz, pode vir a ser bastante monótona?

— Aonde quer chegar?

— Seu trabalho no teatro tem sido tão cheio de aventuras e emoções. Para que trocar isso por um casamento?

— Diga-me uma coisa: se a vida na alta é assim tão desagradável, por que a senhora não a abandona?

Magda sorriu.

— Comigo é diferente. Não tenho vocação alguma para a arte dramática...

— É problema seu. Eu nada tenho que ver com isso.

— Exato — Magda baixou a voz, num tom quase sigiloso. — Se quer saber, invejo seu talento e seu futuro de artista. Levo uma vida rotineira, e minha única motivação é o amor que tenho por John.

Carmen ficou ofendida.

— Vamos acabar com isso. Chega de confidencias — disse, pondo-se de pé num átimo.

— Srta. Luna, não estou procurando fazer que simpatize comigo. Só quero que veja o outro lado da situação.

— O seu, é claro — ironizou a outra. Magda continuou imperturbável.

— Não acha que está se arriscando muito ao desistir da nova peça?

— Isso não é de sua conta, Sra. Winston. — Carmen não estava mesmo para brincadeiras.

— Muita coisa pode acontecer até John conseguir o desquite. A senhorita talvez mude de idéia quanto ao teatro.

— Que quer dizer?

— Bem... alguém terá de fazer seu papel na nova peça e, com isso, pode surgir uma nova estrela.

Magda percebeu que estava pondo o dedo na ferida. Carmen cerrou os punhos e mordeu os lábios.

— Não me importo. Há apenas uma Carmen de Luna, não se esqueça!

— Mas o público pode muito bem esquecer-se.

Ao ouvir aquilo, Carmen sentiu que chegava a seu limite.

— Então a senhora acha que pode mudar minha atitude? Fique sabendo que...

Magda logo a interrompeu.

— Pelo contrário. Desejo apenas adverti-la do perigo que essas mudanças serão para a senhorita. E, depois de pensar muito, concluí que é essencial conhecermos melhor a vida uma da outra. Quero que compreenda bem sua situação.

— Compreender minha situação?

— Isso mesmo. Ouça-me, tenho um plano que pode ajudar o futuro de nós duas.

Carmen encarou-a com desdém.

— Olhe aqui, Magda Winston. Já ouvi demais suas maluquices. Agora, queira desculpar-me...

A rispidez de Carmen fez Magda levantar-se também e dizer:

— Diante disso, só me resta uma opção...

— Qual? — perguntou a outra, com altivez.

— Vou meditar bastante e decidir se devo ou não concordar com o desquite.

Sem dizer mais palavra, Magda pegou a bolsa e caminhou para a porta. Carmen, vendo a difícil situação que criara para si mesma, ficou desorientada.

— Sra. Winston! Espere! Magda virou-se.

— Sim?

— Perdoe minha falta de tato — disse a atriz, com um sorriso bem falso.

— Não é necessário pedir desculpas. — Magda estava muito tranqüila, certa de seu domínio sobre a situação.

— Bem... não quer explicar qual é seu plano? Magda sorriu, satisfeita.

— Quer ouvir mesmo?

— Quero — respondeu Carmen, engolindo o orgulho.

— Muito bem.

Magda voltou para a poltrona.

— Estou precisando tomar alguma coisa — observou Carmen. — Gostaria de um café?

— Sim, obrigada.

— Vou pedir a Sofia que prepare um.

11- FÚRIA E FLOR DE LÓTUS

Nesse momento, John Winston chegou à portaria do edifício e aproximou-se do porteiro. Passara diante do carro de Magda, mas não o reconheceu.

— Boa tarde. A Srta. Luna está?

O porteiro tornou a chamar o apartamento de Carmen. Da extensão na cozinha, Sofia atendeu. Carmen acabava de entrar para pedir o café e ficou à escuta.

A empregada virou-se para Carmen:

— Xi, patroa! O Sr. Winston está no saguão e quer subir.

Carmen fez uma careta, impaciente.

— Que ele vem fazer aqui a esta hora?

— Não sei. Vou dizer que a senhora está descansando.

— Não, espere! — Carmen concentrou-se em busca de uma solução. — Há algo de estranho em tudo isso. Diga ao Delmo que o Sr. Winston pode subir.

— E a mulher dele?

— Eu dou um jeito. Carmen voltou para a sala.

— Sra. Winston — disse, numa voz despreocupada —, lamento muito, mas esqueci que havia marcado uma entrevista para agora. O repórter já está subindo. A senhora poderia esperar alguns minutos em meu quarto?

— Pois não — Magda levantou-se prontamente, sem demonstrar nenhuma contrariedade.

Carmen completou:

— Logo que o repórter sair, quero ouvir seu plano. Estou realmente curiosa.

No momento em que Carmen fechava a porta do quarto, a campainha tocou.

— Sofia, mande o Sr. Winston entrar e diga-lhe que estou esperando no terraço — sussurrou Carmen, fazendo um gesto em direção do quarto. — Ela deve estar de orelha na porta.

Quando John chegou ao terraço, sofreu uma verdadeira ofensiva carinhosa de Carmen.

— Que bom vê-lo, amor!

Carmen aproximou-se para dar-lhe um beijo. John, alterado como estava, deu um passo atrás, instintivamente. O forte aroma do perfume Pétalas de Lótus confundiu-lhe os sentidos. Carmen sorriu.

— Está sentindo alguma coisa, querido?

— N-não, nada!

— Sente-se, então — convidou, enquanto se estendia numa espreguiçadeira. — Sabe, tive uma discussão terrível com Sílvio Neto, e tudo por sua causa.

— Por minha causa?

— É. Sílvio acha que você não vale meu grande sacrifício.

— Sacrifício?

Carmen percebeu que John não lera a nota de Félix Sá.

— Querido! Tenho boas notícias para você.

— Boas notícias?

— Isso mesmo. Eu, Carmen de Luna, abandonei o teatro!

— Abandonou o teatro! — John ficou perplexo, sem saber o que dizer.

A seguir, ela fez uma pergunta que o deixou ainda mais perturbado.

— Quando vai obrigar sua mulher a pedir o desquite?

— Obrigar?

— Precisamos nos prevenir, querido. Ela pode adiar o desquite indefinidamente — insistiu Carmen, sabendo aonde queria chegar.

— É verdade.

Carmen ofendeu-se com a indiferença de John.

— Estou deixando o teatro, você compreende?

John alisou o bigodinho e arriscou uma observação.

— Talvez fosse aconselhável não sair assim tão cedo. Carmen precisou de todo o seu autocontrole para não explodir.

— Que você quer dizer?

— Ontem à noite falei em desquite com Magda.

— Isso você já me contou. Aliás, por que não falou com Magda há mais tempo? Ela tem de concordar com isso agora mesmo.

John ficou chocado com a atitude autoritária de Carmen, mas não se alterou.

— Acho que Magda não está em condições de concordar com coisa alguma.

— Não? — retrucou Carmen, levantando os olhos, ameaçadora. — E por quê?

— Ela está doente.

John acabara de esgotar os últimos resquícios de boa educação de Carmen.

— Doente?! — esbravejou a atriz.

— É.

— Que raio de doença?

John preferiu não entrar em pormenores.

— Ela está um pouco... transtornada.

— Ora essa! — Carmen cerrou os punhos e pôs-se de pé. — Foi para isso que você veio aqui?

John também se levantou.

— Foi. Queria avisá-la de que vou voltar à mansão para ver como estão as coisas.

Carmen mordeu os lábios.

— Muito atencioso de sua parte, John. Mas por que não me diz logo a verdade?

— perguntou ela, aumentando ainda mais a voz.

— Esta é a verdade — respondeu John, sincero.

— Só isso?

Um pouco espantado, John fitou Carmen. Era a primeira vez que a via falar naquele tom e com aquela expressão de cólera.

— Você não pode me iludir, querido! Quer é voltar para junto de sua mulherzinha! Vamos, confesse!

Ele respondeu em voz baixa.

— Só acho que devo...



Ouviu-se um forte barulho. Era Carmen, que atirara um elefante de louça contra a porta.

- Deve o quê? — gritou Carmen. — Você tem a ousadia de vir me falar em dever?
— Acho que você pode entender.
— Ora, quer que eu acredite em suas mentiras?!
— Mas não estou mentindo, Carmen!
— Ah, é? E quem lhe disse que ela está doente?
— Um bom amigo nosso, que também é médico da família e esteve hoje no clube.

Carmen levou alguns segundos para coordenar as idéias: “*Talvez John esteja dizendo a verdade. Na certa o médico está bancando o conciliador, querendo fazer John mudar de planos*”. Com esse pensamento, a atriz resolveu adotar outra tática. De súbito, seu tom voltou da raiva à meiguice.

— Querido, perdoe-me se não acreditei no que disse. Mas você deve entender que sou mulher e... bom, fiquei enciumada. Você me desculpa, não?

O milionário não respondeu. Carmen abraçou-o, mas John notou a falta de brilho em seus olhos, e aquela brusca mudança de atitude o irritou.

- Amor, e se seu amigo médico estiver mentindo?
— O Luís não mente.
— Mas vamos supor que esteja mentindo. Você vai se demorar naquela casa?

John queria pôr fim à conversa.

- Claro que não. Volto assim que puder.
— Como fui boba em duvidar de você... Me perdoa?

John desvencilhou-se dos macios braços de Carmen.

— Acho melhor eu ir andando — disse ele, deixando o terraço e atravessando o salão a passos largos. Carmen alcançou-o à porta do apartamento, agarrando-se a John outra vez.

- Quero que pense sempre em mim.
O milionário respondeu com certa frieza:
— Está bem.

Ela insistiu:

- Você sabe como eu gosto de você!...

John, porém, estava impaciente e saiu. Quando entrou no elevador, ouviu-se um forte barulho dentro do apartamento. Era Carmen, que atirara um elefante de louça contra a porta.

12- A SOLUÇÃO NUMA AMPOLA

Quando queria, Carmen sabia controlar suas emoções. Com voz serena, abriu a porta do quarto e disse:

— Pode sair, Sra. Winston.

— Obrigada. Ouvi um ruído estranho. Aconteceu alguma coisa?

— Nada de mais. Aquele repórter estabanado esbarrou num bibelô e o quebrou. Mas vamos falar de seu plano.

— Então ainda está interessada? — perguntou Magda, sorrindo.

— Estou, mas primeiro desejo fazer uma pergunta.

— Sim?

— Quando esteve com John pela última vez?

— Ontem à noite.

— É só o que eu desejava saber...

— Antes de mais nada, quero deixar bem claro — começou Magda — que não vim pedir que John volte para casa.

— É claro que ele vai voltar para aquela casa — afirmou Carmen, maldosa. — Mas, quando isso acontecer, eu serei sua esposa.

Magda não se perturbou e seguiu em frente:

— O que eu quero é convencê-la a participar de uma experiência que trará benefícios para a senhorita e para mim.

— Não sei como pode ser isso... Se a senhora não tem mesmo interesse em que John volte para seu lado, que benefício essa experiência pode trazer para nós duas?

— Vou lhe mostrar — respondeu Magda, tirando da bolsa uma pequena ampola cheia de um líquido bem vermelho.

Carmen olhou com curiosidade o frasco.

— É isso aí a experiência?

— É. Trata-se de uma fórmula criada por tio William — informou Magda, orgulhosa.

— E quem é tio William?

— É o tio de John. Uma criatura muito simpática.

— Engraçado. Pensei que todos os parentes de John já fossem falecidos. Ele nunca me falou desse tio William.

— É que tio William já morreu, mas voltou.

— ?!

— Depois eu explico. Por ora, eis a resposta para seus problemas — proclamou Magda, levantando a ampola um pouco mais.

— Mas quem disse que estou com problemas? Acho que a senhora está invertendo as situações.

Mais uma vez, Magda não fez caso da ironia de Carmen e continuou:

— Tio William é um gênio. Levou quarenta anos para criar essa fórmula. A senhorita vai ver como ela funciona.

— Sra. Winston, não acha melhor explicar tudo de uma vez?

Magda ficou empolgada.

— Preste bem atenção. Se nós duas a tomarmos, uma coisa impressionante vai acontecer.

— O quê?

— Vamos trocar nossos corpos! Assim, poderemos saber exatamente como é a vida uma da outra e escolher o melhor para nós. Que tal?

Carmen, boquiaberta, não sabia o que dizer ou pensar. Magda prosseguia.

— Isso pode mudar tudo... Não acha fantástico?

A atriz explodiu:

— Fantástico?! A senhora, por acaso, pensa que sou alguma estúpida? Acha que vou acreditar em suas histórias de fantasmas e fórmulas mágicas? Francamente!

Magda continuava tranqüila. Sabia que a reação de Carmen de Luna não poderia ser diferente.

— De modo algum. Uma atriz como a senhorita não pode ser estúpida. Pelo contrário: a senhorita me parece bastante inteligente.

— Muito bem. Se viu isso em mim, por que veio à minha casa propor um absurdo desses? — Carmen levantou-se mais uma vez. — Tenho muito o que fazer, Sra. Winston...

— É uma pena — murmurou Magda. — Pensei que havíamos chegado a um acordo.

Nisto, a atitude de Carmen de Luna tornou a mudar. Lembrou-se do diálogo que, momentos antes, tivera com John:

“Magda está doente”.

“Quem lhe disse que ela está doente?”

“Um amigo... médico da família...”

Carmen raciocinava rápido, sem prestar atenção ao que Magda dizia. *“Pobre John. Ele estava mesmo falando a verdade. Fui uma cretina tratando-o daquela maneira. O pedido de desquite deve ter mexido com a cabeça da mulher. O melhor é fingir que concordo com essa bobagem. Quanto mais depressa me livrar dela, melhor. Tenho de garantir esse desquite. E preciso telefonar para John me desculpando...”*

— ...e ninguém notará a diferença — Magda estava concluindo a explicação.

— Desculpe, não entendi — Carmen, absorta em seus próprios pensamentos, perdera o fio da meada.

— Eu disse que ninguém vai notar a diferença na troca dos corpos.

— Ninguém? — A atriz esforçava-se por demonstrar interesse.

— Ninguém, a não ser nós mesmas e tio William.

— E nossas vozes?

— Nem isso. Só nossa personalidade vai continuar inalterada.

— Essa agüinha vermelha pode fazer tudo isso?

— Claro. Acredite em mim.

— É fantástico!

Carmen começava a se divertir, como se atuasse ante uma grande platéia. Seu desempenho convenceria qualquer um.

— Eu bem que lhe disse — repetiu Magda, acreditando na representação de Carmen.

— Quero saber mais. Quanto tempo duram os efeitos desse líquido?

Magda lembrou-se das recomendações de tio William. *“Só uma mentirinha.”*

— Uma semana — respondeu ela, cruzando os dedos.

— Hum... — fez Carmen, sempre com estudado fingimento. — Pelo que diz, se eu tomar essa coisa posso até ir à mansão Winston e me passar pela senhora.

— Exatamente.

Os pensamentos relampejavam na cabeça da atriz: *“Ah, seria ótimo se isso fosse possível! Agora que John está decidido a voltar para casa...”*

— E se quisermos destroçar os corpos antes de completar uma semana? — indagou Carmen, continuando a viver seu papel naquela peça imaginária.

“Graças a Deus!”, pensou Magda. *“Ela acreditou em mim. Tio William vai ficar bem satisfeito.”*

— Não será possível. — Magda tornou a cruzar os dedos. — Esta química tem de ser eliminada naturalmente. E há um detalhe muito importante.

— Qual?

— Nenhuma de nós poderá revelar o segredo. Ninguém pode saber de nosso trato. Outra coisa: não poderemos beijar John nem lhe fazer nenhum carinho.

“Essa é boa!”, divertiu-se Carmen. Entretanto, não deixou cair a máscara de seriedade e perguntou:

— Mas e se isso acontecer?

— É melhor nem pensar. A simples vontade de beijar John vai causar uma tontura fortíssima.

— E se eu não ligar para a tontura?

Magda deu de ombros.

— Vai perder os sentidos.

Tudo isso ajudava Carmen a armar seu plano: *“Essa aí está mais biruta do que eu imaginava. Ótimo! Com uma doida assim, logo, logo John vai querer voltar para meus braços”*.

— Que coisa complicada! — comentou Carmen, fingindo acreditar em tudo.

— Não tem nada de complicado. A senhorita sabe que isso pode nos ajudar bastante.

Carmen olhou mais uma vez para o tal líquido. De repente, ocorreu-lhe um pensamento terrível: *“Meu Deus! E se isso for veneno? Ela pode ter endoidado de vez e resolvido dar cabo de mim. Melhor tomar cuidado”*.

— Bem, Sra. Winston, há uma coisa que me preocupa. Essa fórmula não poderia, hã... ser perigosa?

Magda leu os pensamentos da outra e a tranqüilizou:

— Não há o que temer, Srta. Luna. Eu provei um pouquinho, e o gosto é mesmo amargo, mas garanto que não é veneno. E então?

Carmen pensou um pouco: *“É, ela me parece uma louca mansa. Acho que vou confiar”*.

— Muito bem, Sra. Winston. Vamos em frente. Como diz, não tenho nada a perder. E, já que é amargo, que tal misturar com o café? — sugeriu Carmen, olhando para a bandeja que Sofia trouxera e fazendo enorme esforço para não rir.

— Boa idéia! — concordou Magda.

Magda preparou as xícaras e dividiu cuidadosamente o conteúdo da ampola, gota a gota, sob o olhar atento de Carmen. Depois, cada uma tomou sua dose.

— Viva a fórmula! — exclamou Magda, levantando a xícara num brinde.

— Viva! — disse Carmen, fingindo entusiasmo e imaginando a cara que Magda faria quando ingerissem aquilo e nada acontecesse.

As duas sorveram o líquido até o fim, fazendo caretas, pois era amargo como quinino.

Não demoraria muito, as coisas começariam a mudar.

13- QUANDO MAGDA NÃO É MAGDA E CARMEM NÃO É CARMEM

— Argh! Que coisa amarga! — disse Carmen, já no corpo de Magda.

— É ruim mesmo — retrucou Magda, no corpo de Carmen.

Haviam trocado de corpo tão rapidamente que a transformação ainda não fora notada. Magda sentiu a pele mais fria e percebeu que vestia apenas uma camisola de cetim. Carmen estava acalorada e, ao desfazer o laço de lã no pescoço, deu-se conta do que acontecera.

— Nossa! Esta coisa funciona! — A atriz estava atônita. — Então... então o que você me disse era verdade.

— Claro. Por acaso você imaginava que era loucura minha?

Desapareceram todos os vestígios de formalidade entre as duas.

— Bem... para ser franca, sim — confirmou Carmen, apalpando sua nova pele.

— É mesmo incrível — disse Magda, cruzando os braços para cobrir o decote da camisola.

Carmen sussurrou, para que Sofia não ouvisse:

— Como você está se sentindo?

Magda respondeu, também num sussurro:

— Muito bem. E você?

— Bem. Seu corpo parece perfeito.

— O seu também.

— Não é de estranhar! Sempre tomei cuidado com ele — garantiu Carmen. — E você, cuide-se bem e siga uma dieta. Não quero voltar para meu corpo dentro de uma semana e me ver transformada numa leitoa.

Magda respondeu no mesmo tom:

— Não se preocupe. Eu sempre fiz exercícios matinais.

— Que espécie de exercícios?

— Gosto de passeios a cavalo, em casa ou na Hípica.

— Isso não! Assim vai sacrificar demais meu corpo. Quero apenas que você faça umas caminhadas.

— Está bem — concordou Magda. — Mas eu quero que você ande a cavalo. Na mansão, tenho duas belas montarias.

— Lamento muito, Magda, mas só sei apostar em cavalos, não montá-los.

Magda sorriu.

— Então meu corpo é que vai ser sacrificado.

— Talvez... Ah, outra coisa. Por favor, não fique muito exposta ao sol. Minha pele é muito sensível.

— Não se preocupe — Magda continuava a sorrir. Carmen observou-a com curiosidade.

— Parece que você não se preocupa com o que vou fazer com seu corpo.

— Claro que me preocupo. Gosto muito dele, mas tenho certeza de que está em boas mãos.

A atriz não se importou com a ironia e já ia para o quarto:

— Vou arrumar minhas coisas.

Magda interveio.

— Você não pode levar nada. Lembre-se, vai usar o que é meu.

— Nem minha escova de dentes? — perguntou Carmen, surpresa.

— Lá em casa, há tudo de que você precisa.

Pensando em certa gaveta da cômoda, onde guardava numerosas cartas de amor, Carmen arranjou um pretexto:

— Só vou me maquiar.

— Está bem, mas não exagere. Pode dar na vista. Carmen não pôde deixar de fazer uma observação ferina:

— É claro. Agora sou uma criatura de nariz brilhante, que gosta da vida ao ar livre.

Magda sorriu, divertida.

— E eu sou uma flor de estufa.

Carmen conteve-se e pensou: *“Logo que eu sair daqui, farei o que quiser com o corpo dela”*.

Depois, entrou no quarto, trancou a gaveta da cômoda, escondeu a chave debaixo do tapete e parou diante da penteadeira.

— Se não der um jeito nesta cara, estou perdida! — considerou ela, enfiando na bolsa (de Magda) seu estojo de maquiagem e um frasco de Pétalas de Lótus. Depois, sem nenhum remorso, voltou para a sala.

— Pronto! — exclamou.

— Tio William e meu cãozinho, Sunshine, estão esperando no carro. Você sabe dirigir?

— Claro que sei. Adoro velocidade.

— Mas não corra muito, por favor. Tio William pode ficar receoso.

Carmen riu maldosamente.

— Ora, esse tio William deve ser um morto bem esquisito.

Magda ofendeu-se.

— Não gosto que caçoem de tio William.

— Por que não? — perguntou Carmen, às gargalhadas. Ao ver Carmen em seu corpo, Magda teve um estremecimento.

Nunca poderia imaginar-se daquela forma, rindo tão vulgarmente.

— Por quê? — continuou Magda, mais calma. — Porque ele é um gênio e merece respeito. Quanto a dirigir rápido demais, lembre-se de que pode acontecer alguma coisa, e, você sabe, nós duas dependemos inteiramente de tio William.

O riso de Carmen desapareceu num instante. Em seu lugar, veio uma ameaça.

— Pois tome nota de uma coisa: quem vai se sair mal nesta história toda é você.

Magda sacudiu os ombros, e Carmen continuou:

— John está voltando para a mansão! Não sabia? Pois é, agora sou eu quem ficará em seu lugar. No final das contas, fui eu quem levou a melhor. Vou fazer tudo para que dentro de uma semana o desquite esteja acertado!

Magda ficou em silêncio, vendo Carmen sair e bater a porta.

14- O TRIUNFO DE UM VELHO FANTASMA

Magda — isto é, Carmen — adiantou-se para o carro, com um andar diferente. Tio William desceu para cumprimentá-la. Em seus olhos, brilhava uma expressão de vitória.

“Minha fórmula é um sucesso!”

— Srta. Luna! — Ele fez uma reverência. — É um grande prazer...

— Então o senhor é tio William? — cortou Carmen, observando as roupas dele.

— Às suas ordens — confirmou o velhinho, ajudando-a a subir no carro.

Enquanto ela se instalava ao volante, Sunshine rosnou no banco de trás.

— Sunshine? — perguntou a atriz. O animal balançava a cauda e inclinava a cabeça, olhando-a com curiosidade e notando que havia algo diferente em sua dona. — Bem, vamos andando.

Carmen ligou o motor.

— Sabe onde é? — perguntou tio William.

— Acho que sim — respondeu Carmen, com um sorriso. — Há muito tempo penso na mansão.

15- A BOLSA ROUBADA

A saída precipitada de Magda (Carmen) atraiu a atenção de Sofia, que surgiu da cozinha. A criada comentou com Carmen (Magda):

— Que mulher barulhenta!

— E que golpe inteligente! — observou Magda.

— Golpe inteligente? — Sofia não estava entendendo.

— Por que ela não me disse logo que John ia voltar para casa?

— Então ela sabia de tudo? Não me diga! — Sofia assumiu um ar de cumplicidade.

— Se eu soubesse que John queria voltar, toda essa confusão seria evitada — continuou Magda. — Mas pode haver algum engano. Ele deve ter ido lá apenas para buscar suas coisas, não para ficar.

— Mas a senhora não me disse que ele ia voltar porque... Magda não ouviu Sofia e seguiu com seus pensamentos.

— O pior é que ela vai fazer tudo para que John fique contra mim.

— Mas isso não é justo! A senhora abandonou a carreira por causa dele...

Magda continuou a raciocinar em voz alta, sem tomar conhecimento da empregada.

— Se ao menos tio William estivesse aqui!

— Quem é tio William? — indagou Sofia, surpresa.

— Mas estou me preocupando à toa. Tio William explicou muito bem o que ia acontecer e o que devo fazer.

— Explicou?! — Sofia estava boquiaberta.

Magda afinal notou Sofia e perguntou-lhe:

— Onde fica o telefone?

— Patroa! Que brincadeira é essa?

— Ah! Já sei — exclamou Magda, virando-se e correndo para o quarto.

Sofia seguiu-a, intrigada com aquele comportamento.

— Estou tão emocionada que não me recordo de coisa alguma — explicou Magda, sentando-se diante do telefone. — Qual é mesmo o nome daquele homem que escreveu a nota no jornal?

— A senhora não se lembra? Não é possível! O nome é Félix Sá.

— Ah! Félix Sá. Mas, por favor, qual é o nome do jornal?

— Correio Paulistano.

— Sabe o telefone de lá?

Sofia foi buscar o jornal e mostrou-lhe o número, espantada com as maneiras delicadas da patroa.

— Onde está o frasco de Pétalas de Lótus? — perguntou a empregada.

— Alô! É do Correio Paulistano? Posso falar com o Sr. Félix Sá? Diga-lhe que é a Sra. Winston... isto é, Carmen de Luna. Pois não, eu espero, obrigada.

— Onde está o frasco de Pétalas de Lótus? — insistiu Sofia.

— Pétalas de Lótus? Não sei.

— Puxa! Então aquela grã-fina afanou o perfume! E a maquiagem também!

— Alô, Sr. Sá? — falou Magda ao telefone. — Isso... é Carmen de Luna. Como? Ah, sim. Gostei muito da nota, mas gostaria que o senhor fizesse outra, anunciando o contrário. Decidi não abandonar o teatro. Exatamente, Sr. Sá. Mudei de idéia. Isso mesmo. Vou aparecer na nova peça, sim. Exato. Começaremos os ensaios amanhã de manhã. Não, não vou mudar de idéia outra vez. Obrigada! Escute, Sr. Sá, a notícia sairá no jornal de amanhã? Ah! — exclamou Magda, com um sorriso satisfeito. — Muito obrigada e até logo.

Magda colocou o fone no gancho e, recostando-se na poltrona, observou:

— A situação agora está melhor.

— E seu vidro de Pétalas de Lótus?

— Como?

— A mulherzinha da alta roubou seu perfume e o estojo de maquiagem, enquanto a senhora estava com o Sr. Winston.

Magda levantou-se num salto:

— Sr. Winston?

— É. A dona Magda deve ter acreditado que era mesmo um jornalista, mas, quando ficou aqui no quarto, roubou seu perfume!

Magda, passando a entender tudo o que ocorrera, ficou indignada.

— Que mulher mesquinha...

— Ainda bem que sua bolsa estava guardada.

— Minha bolsa! — gritou Magda, assustando Sofia.

A moça começou a correr de um lado para o outro, procurando a bolsa.

— Está vendo? — observou Sofia. — Não se pode confiar nem em gente rica.

Instantes depois, Magda parou, lívida, ao se convencer de que sua bolsa fora levada por Carmen.

— Ela pegou a bolsa! — gemeu Magda, boquiaberta.

Sofia tomou uma expressão malvada.

— A senhora podia complicar a situação dela. Por que não vai à polícia e dá queixa do roubo?

Magda, porém, não estava ouvindo a sugestão de Sofia. *“Tenho de recuperar a bolsa de qualquer maneira. Sem o antídoto, estou perdida. Vou esperar um pouco até eles voltarem à mansão. Depois quero ver tio William. Ele achará um meio de recuperar a ampola.”*

Decidida a nova estratégia, Magda sentiu-se mais à vontade.

— Tudo vai terminar bem — anunciou, mais animada.

Sofia também sorriu, pensando que sua sugestão tinha sido aceita.

— Vai chamar a polícia?

— Não, vou chamar tio William.

Dizendo isso, virou-se e saltou para o terraço, deixando Sofia com cara de quem não está entendendo nada.

16- TIO WILLIAM DE CASTIGO

Quando John chegou em casa, ficou preocupado ao notar que o automóvel de sua mulher não estava na garagem.

— Onde está o carro de dona Magda? — perguntou a Jambo.

— Ela... — gaguejou o homem — saiu de automóvel com tio William.

— Tio William! — exclamou John.

— Sim, senhor.

— Disse aonde ia?

— Não, senhor. Parece que ninguém sabe. Aliás, eu preciso falar com o senhor, patrão. Às vezes, meus olhos escurecem e não consigo ver direito... Acho que estou doente...

Antes que Jambo continuasse a falar, John caminhou apressado para a mansão. Magnólia estava na cozinha e, ao vê-lo, ergueu os braços para o céu.

— Graças a Deus! Minhas preces foram ouvidas.

— Magnólia, onde está Magda?

A alegria de Magnólia transformou-se em preocupação.

— Ela foi à cidade com tio William.

— A que lugar?

— Isso não sei. Ela disse apenas que ia tratar de assuntos importantes.

— Assuntos importantes?

John falou baixinho:

— Preciso tomar alguma atitude, mesmo que seja enérgica. Compreende o que quero dizer?

— Claro.

John bateu afavelmente no ombro da cozinheira.

— Conto com você, Magnólia.

O milionário saiu da cozinha, encontrando Sin Low na sala de jantar. Ao ver os talheres e pratos arrumados para três pessoas, John parou.

— Olá, Sin Low! Para quem é esse terceiro lugar? O copeiro ergueu a cabeça.

— Temos um hóspede.

— Quem?

— Tio William.

— Não! — exclamou John, começando a se irritar.

— Ele parece ser um homem bom — comentou Sin Low.

O patrão perdeu o controle e gritou:

— Pare de dizer bobagens! — e saiu da sala.

John ficou ainda mais confuso quando entrou no hall. Sentiu um calafrio ao passar diante dos retratos dos parentes, e seu bigodinho se eriçou. A imaginação dominou-o por completo. Já estava quase na outra extremidade quando pensou ouvir algo. Parou. Parecia que alguém ria baixinho.

John levantou os olhos para a parede e viu o retrato, em tamanho natural, de tio William. O velhinho ria gostosamente.

— O senhor, hem? — disse John, erguendo o dedo acusadoramente. — Agora está aprontando das suas, não é? Não é à toa que sempre foi o lunático da família. Mas fique sabendo que desta vez a coisa vai ser diferente.

Sem hesitar, subiu numa cadeira e tirou o quadro da parede.

— Vou colocá-lo em lugar mais apropriado! — disse, resolutivo.



O retrato era pesado, e John precisou fazer força para carregá-lo até o sótão.

O retrato era pesado, e John teve de fazer força para arrastá-lo até o sótão. Quando chegou lá, John ficou surpreso ao ver aberta a porta do quarto de tio William. Quase sem forças, conseguiu colocar o quadro em cima da cama. Mas outra surpresa o esperava: o quarto estava limpo e arrumado. Sobre a cômoda, havia um vaso com rosas, as flores favoritas de Magda.

— Pobre Magda! — suspirou John, amargurado. Depois, puxou o retrato de tio William para o armário embutido.

— Fique aí até tomar juízo!

Enfiou o quadro no armário e esfregou as mãos. Depois, trancou a porta e guardou a chave no bolso.

“Tenho de impedir que Magda venha aqui!”, pensou ele.

Com essa idéia na cabeça, trancou a porta do quarto, guardando também essa chave no bolso.

17- NEM TUDO PARECE SER O QUE É

Enquanto John estava ocupado com o quadro, tio William entrou com Carmen. Os dois pararam no vastíssimo hall, conversando em voz baixa. A moça olhava para todos os lados, muito admirada das dimensões de tudo.

— Quase do tamanho de uma estação de trem! Olhe aquela fileira de quadros!

— São os retratos de família — esclareceu tio William.

Carmen riu.

— A galeria dos parasitas, não é?

— É o que John diz de nossa família?

— Ele fala muito de sua árvore genealógica.

— Bem... não devemos mencionar os segredos da família.

— Ora, por que não? — perguntou Carmen. — Agora somos parceiros, não somos?

— É que — começou ele, fingindo relutância e cruzando os dedos — há alguns maus elementos na família.

— Mesmo? Que eles fizeram?

— Alguns foram ladrões de cavalos — confidenciou tio William. — Outros, mercadores de escravos. Houve até ladrões de bebês.

— Ladrões de bebês?! — Carmen estava boquiaberta, com os olhos arregalados.

— É. O rapto de crianças era coisa comum na família.

— Incrível! — Depois, ela sussurrou: — Houve algum crime de morte?

Tio William deu de ombros.

— Não muitos.

— Foram enforcados por isso?

— Poucos.

Ela ficou branca de susto. O velhinho, assumindo uma atitude misteriosa, aproximou-se mais de Carmen e segredou-lhe:

— Dizem até que Jack, o Estripador, era um Winston... Mas, é claro, não há provas.

— Nossa! — Carmen fez o sinal-da-cruz. — E eu que estava convencida de entrar para uma boa família!

— Não se esqueça — retrucou tio William, descruzando os dedos —, até as melhores famílias têm um esqueleto no armário.

— Mas esta parece ter mais de um!

— Ora, ora! — disse ele, paternal. — Não deve pensar assim.

Nisto, Carmen notou uma armadura medieval, que Sir Arthur arrematara num leilão em Londres. A atriz perguntou:

— Diga, havia um cavaleiro na família?

Tio William tornou a cruzar os dedos.

— Ah, sim. Egbert, o Furibundo.

— Furibundo?

— Pois é. Durante as Cruzadas, ele enlouqueceu e passou a matar seus companheiros e todos os pobres coitados que encontrava.

— Quer dizer que esse sujeito era um carniceiro...

— Bom, as pessoas exageram muito. Dizem que ele matou mais de mil, mas não acredito. O número deve ter sido bem menor, talvez só uns quinhentos ou seiscentos.

— Cruzes!

— Dizem que até hoje os restos mortais de Egbert estão no interior da armadura.

— Como é?! — Carmen estava visivelmente alarmada. — Na armadura?

Tio William divertia-se cada vez mais.

— Isso mesmo. Até hoje ninguém teve coragem de levantar o elmo e olhar lá dentro. Quer dar uma espiada?

— Quê?! Deus me livre! Já estou cheia dessa conversa. Vamos sair daqui!

— Muito bem — concordou tio William, escondendo um sorriso de vitória. — Quer ver meu laboratório?

— Qualquer coisa, desde que seja longe daqui.

— Então, venha comigo — disse ele, caminhando para o porão. Tio William deteve-se subitamente, e Carmen quase trombou com ele. Os olhos do velhinho pareciam procurar alguma coisa.

— Que foi? — perguntou a atriz.

— Tiraram meu retrato da parede — respondeu tio William, um pouco abatido.

— Por que fizeram isso?

Tio William encarou Carmen com uma expressão triste.

— Não queria revelar certas coisas, mas... não sou muito benquisto aqui.

— Não? Por quê?

— Talvez porque sei muita coisa sobre o passado da família. Por favor, não comente com John o que falei há pouco. Pode ser pior.

Carmen, que estava simpatizando muito com o homenzinho, ficou desolada com aquela situação.

— Claro que não vou dizer nada. Afinal, somos parceiros, não é?

Tio William forçou um sorriso patético.

— Obrigado, minha filha.

— Vou até mandar alguém recolocar seu retrato na parede.

— Muita bondade sua. E agora, venha cá...

Mas, quando viu a porta do porão, Carmen recuou.

— Vamos descer nesse buraco escuro?

Tio William tirou duas velas do bolso e procurou uma caixa de fósforos.

— Com essas velas podemos ver o caminho.

— Não há eletricidade nesse buraco?...

Tio William riu discretamente.

— Não, mas é seguro. Então, vamos descer?

— Vamos, mas bem juntinhos...

18- UM TRIO DECIDIDO

Sunshine estava descansando no hall quando ouviu os passos de seu dono, que descia a escada. O pequinês subiu ligeiro.

— Sunshine! — John desceu rápido, pois a presença do cãozinho era sinal de que Magda chegara. — Magda! Magda! Onde está você? — chamou John, preocupado.

Não teve resposta. Pela janela, viu o carro da mulher. “*Magda deve estar na cozinha*”, pensou. Correu para os fundos, mas encontrou apenas Magnólia, que preparava o jantar.

— Magnólia, onde está Magda? — perguntou ele, quase sem fôlego.

— Já falei, patrão. Foi à cidade.

— Mas o carro está lá fora. Deve estar em algum lugar — retrucou o milionário, em pânico.

Magnólia, vendo Sunshine, ficou furiosa.

— Então aquele tio William deve tê-la levado para o porão.

— Porão? — gritou John.

— É — Magnólia agarrou o pau de macarrão. — Vamos até lá ver se aconteceu alguma coisa.

Ao ver os dois passarem apressadamente pela sala, Sin Low juntou-se ao grupo. Sunshine corria atrás. Os três caminharam para o porão. Mas todos estacaram vendo a porta abrir-se. Magda (isto é, Carmen) apareceu diante deles.

John estava tão transtornado que cometeu o erro de sacudi-la.

— Que você foi fazer aí embaixo?

Zangada, Carmen livrou-se dos braços dele.

— Não grite comigo só porque não gosta de tio William!

John ficou calado por alguns instantes. Lembrou-se do conselho do Dr. Luís. Precisava evitar discussões com a mulher. Por causa de seu envolvimento com Carmen, não queria magoar Magda ainda mais.

— Acho bom pedir desculpas — continuou Carmen, irritada. — E acho que devemos pendurar o retrato de tio William novamente na parede, agora mesmo.

— Agora? — perguntou John, com voz sumida.

— Por que não? Afinal, ele é da família e tem de ser tratado como tal.

Procurando conter-se ao máximo, John afinal concordou.

— Está bem.

Só então Carmen notou que Magnólia estava chorosa e Sin Low, perplexo.

— Que há com eles?

— Nada, querida — respondeu John.

— Ora essa! Que gente apalermada!

John não conseguiu evitar um tremor em sua voz.

— Tem razão, Magda.

— Magda! — exclamou Carmen, em voz alta. Depois riu, divertindo-se com a idéia.
— Quase me esqueço.

— Esquece o quê? — perguntou John, com muita delicadeza.

Carmen caiu na gargalhada.

— Quase esqueço quem sou.

John esboçou um sorriso.

— É engraçado...

19- UMA CAMISOLA PARA O JANTAR

No quarto de Magda, Magnólia espantava-se com a mudança de comportamento da patroa. Observando as atitudes de Magda, a cozinheira já não estava entendendo nada.

— Veja só! Parece uma prisão! — exclamou Carmen. — Vou dar um jeito nisso. Quero encher o quarto de cortinas e espelhos.

Magnólia, calada até então, conseguiu dizer:

— Que vestido a senhora vai usar no jantar?

— O menor deles — respondeu Carmen, despindo-se.

Magnólia mexeu no armário e apanhou um vestido.

— Serve este?

— Claro que não, eu não vou a nenhum velório! Esse aí serve — disse.

— Mas é uma camisola!

— Escute uma coisa, Magnólia: esta casa precisa de um pouco de calor. E eu tenho calor de sobra.

— Sim, senhora — concordou Magnólia, resignada.

Após entregar a camisola à patroa, Magnólia correu a John.

— Patrão, o senhor tem de tomar providências.

— Que houve? — perguntou ele, apoiando o retrato de tio William no assoalho.

O trabalho ficava mais difícil com a intromissão de Sunshine, que latia sem parar.

— Ela está querendo usar uma camisola no jantar.

— Verdade?! — John, assustado, quase deixou cair o quadro. — Uma camisola! Ela está biruta!

— Disse também que a casa precisa de calor.

— Calor? — repetiu ele, procurando terminar logo a colocação do quadro.
— Isso mesmo. Não sei o que ela quis dizer.
— Estou vendo que a situação pode ficar muito ruim — concluiu John.
— É verdade. A patroa está até dizendo que vai encher o quarto de cortinas e espelhos — acrescentou Magnólia, entristecida.
— Vou ter de chamar o Dr. Luís. Mas primeiro vou pendurar este quadro. Vai ficar aí por uns tempos. Mas não tenha dúvida: depois, vou ter o prazer de queimá-lo.

20- UM FANTASMA AO TELEFONE

No apartamento de Carmen, Magda sentia-se uma ovelha desgarrada. Aguardava a hora do jantar para telefonar a tio William. Os minutos, porém, pareciam horas, e a impaciência e a ansiedade a dominaram por completo. Fechou-se no quarto de Carmen e discou o número. Veio o sinal: ocupado.

Magda pôs o fone no gancho e perguntou de si para consigo: “*Quem pode estar usando o telefone da mansão?*”

Não podia desconfiar de que, no outro lado da linha, seguia-se uma conversa entre John e o Dr. Luís.

— É o que estou dizendo, Luís. Magda está estranhíssima. Suas atitudes são muito esquisitas, ela não reconhece mais nada da casa.

— Mantenha a calma, John.

— Estou muito confuso, Luís. Preciso de sua ajuda. Você poderia vir para cá?

— Muito bem. Daqui a pouco estarei aí para jantar com vocês. Que tal?

— Ótimo! A propósito: não se surpreenda se ela aparecer usando uma camisola.

— Não se preocupe. Nessas horas, temos de demonstrar naturalidade. Até logo mais.

Magnólia, que estava ao lado de John, animou-se com o que ouvira.

— Ainda bem que o médico vai estar aqui. Com aquelas roupas, ela pode pegar um resfriado.

— E verdade — concordou John, retirando-se para o quarto.

Magnólia começou a resmungar:

— Tudo por causa do tio William... Na certa, foi ele quem a mandou vestir a camisola.

Nesse momento, o telefone tocou.

— Alô? — disse ela.

— Magnólia? — perguntou Magda, com a voz de Carmen, a qual a preta nunca escutara. Os olhos da cozinheira ficaram arregalados quando ouviu o pedido:

— Pode chamar tio William?

— Quê?!

— Pode chamar tio William ao telefone? — repetiu a voz. Magnólia estava cada vez mais espantada. Afastou o fone do ouvido, examinou-o e largou-o, como se estivesse fugindo de uma cobra venenosa.

— Não estou entendendo nada! — bradou, correndo.

O hall voltou ao silêncio. A porta do porão abriu-se, e tio William espiou para ver se havia alguém. Não percebendo viva alma, dirigiu-se ao hall.

Notou o fone fora do gancho. Antes de colocá-lo no lugar, a curiosidade levou-o a dizer “Alô” e esperar uma resposta.

— Tio William? — indagou a voz do outro lado, surpreendendo o homenzinho.
— Que coincidência! — disse ele.
— Aconteceu um verdadeiro desastre! — disse Magda, — Carmen de Luna levou o antídoto dentro de minha bolsa.
— Que azar!
— E agora, tio? Que vamos fazer? — perguntou ela.
— Não se preocupe. Você vem até aqui e pega a ampola.
— Ir à mansão? — entusiasmou-se ela. — E como vou fazer para não ser vista?
— Apareça bem tarde, lá pela meia-noite. Eu posso desligar a chave geral...
— Ótima idéia. O senhor é um gênio! Não sei o que faria sem sua ajuda.
— Apenas estou retribuindo a liberdade que você me proporcionou — argumentou tio William.
— Mas como vou entrar em casa? Carmen de Luna está com as chaves em minha bolsa.
— Vamos fazer o seguinte: você bate três vezes na janela de meu laboratório. Eu vou estar lá, trabalhando na nova fórmula.
— Combinado. À meia-noite eu apareço por aí.
Com todo o cuidado possível, tio William colocou o fone no gancho. Depois saiu do hall e subiu a escada. Quando chegou ao sótão, ficou surpreso de verificar que a porta de seu quarto estava trancada.

21- COLOCOU O RETRATO, MAS TRANCOU A PORTA!

— Magnóliaaaa! — o grito de Carmen ressoou pela casa toda.
John apareceu na porta do quarto, lívido, no mesmo instante em que Magnólia passava o mais ligeiro que seus trôpegos passos permitiam. Nem bem a cozinheira entrou no quarto, Carmen esbravejou:
— Que está acontecendo nesta casa?
— Eu também não sei — respondeu a criada, num fio de voz.
— Foi sempre assim? Nunca poderia imaginar que tratassem um pobre homem dessa forma...
— De quem a senhora está falando?
— De quem pode ser? De tio William! O coitado é perseguido só porque fala a verdade sobre aquela cambada que está lá no hall.
— Mas o patrão já colocou o retrato do... tio William na parede.
— Só que não permite que ele tenha luz nem no laboratório nem no quarto. E ainda teve a ousadia de trancar-lhe a porta do quarto! Onde titio vai dormir? Com certeza faz tudo isso para que tio William apanhe uma pneumonia e morra outra vez.
Magnólia não agüentou e correu para John.
— Patrão, a pobrezinha está cada vez pior. Pediu que o senhor abra agora mesmo a porta do quarto de tio William, senão ele pode pegar pneumonia e morrer de novo.
— Tomara que Luís chegue antes que seja tarde demais — murmurou John, enquanto, resignado, dirigia-se ao sótão.

22- UM CONSELHO DE AMIGO

Quando o Dr. Luís chegou, John o esperava na porta da frente.

— Luís! Venha para a saleta! Quero ter uma conversa com você, antes que Magda o veja.

— Boa idéia — retrucou o médico, deixando a maleta numa das poltronas do hall.

John fechou a porta da saleta. O Dr. Luís logo notou que as mãos do amigo tremiam.

— John, eu o preveni de que a situação era séria, mas não se deixe dominar, homem!

— Que posso fazer? A situação não é apenas séria. Para mim, trata-se de uma verdadeira catástrofe!

O médico bateu paternalmente no ombro de John.

— Você ainda gosta de Magda, não?

— Muito. Mas devo ser um idiota se preciso de tudo isso para me convencer.

— Então quer dizer que Carmen de Luna não lhe interessa mais? — perguntou o médico, muito sério.

— Claro que não!

— E você aceitaria uma sugestão muito pessoal?

— Claro! Você sabe que não estou em condições de recusar seus conselhos.

— Quando Magda voltar ao normal, você deve propor a adoção de uma criança.

— É o que já devíamos ter feito — retrucou John, pensativo. — Com um filho, essa situação nunca teria sido possível. Você tem razão, Luís.

Depois, pensou em voz alta:

— Prefiro mil vezes um filho adotivo com Magda... — Cerrou os olhos ao lembrar-se do que Carmen dissera aquela manhã.

O médico compreendeu o que John queria dizer. Este levantou-se devagar e chegou à janela. Quando tornou a falar, sua voz demonstrava profunda emoção:

— Muito obrigado, Luís.

No andar de cima, Carmen estava diante do espelho do quarto de Magda. A camisola era muito bonita, mas demasiado transparente para ser usada fora do quarto. O belo corpo de Magda ficava inteiramente visível. Carmen carregou na dose de Pétalas de Lótus e rebocou o rosto. Pela primeira vez na vida, Magda tinha uma aparência vulgar, embora sedutora.

Carmen revistara todos os cantos do quarto. Encontrando um pequeno estojo de couro, ficara aborrecida ao verificar que estava trancado. Depois de muita procura, tocou a campainha, chamando Magnólia.

Magda não era uma criatura exigente, poucas vezes chamava os criados. Por isso, uma vez mais Magnólia subiu tão depressa quanto o permitiam suas pernas, imaginando o que teria acontecido agora. Pelo que sabia, John já providenciara a abertura da porta do quarto de tio William.

— Que houve, patroa?

— Escute uma coisa... Mas por que você fica sempre com essa cara de espanto?!

— Nada, nada! — respondeu Magnólia, com os olhos cheios de lágrimas. — É que a senhora está tão diferente...

— Ora, não ligue para isso — retrucou Carmen, pegando o estojo de Magda. — Onde está a chave desta coisa?

— Onde a senhora sempre guarda!

— Mas onde? — impacientou-se Carmen.

— Aqui — respondeu Magnólia, tirando a chave de um vasilho.

Com um sorriso de satisfação, Carmen agarrou a chave. Quando abriu o estojo, sua boca se abriu numa careta de desapontamento.

— Que é isto? — perguntou, mexendo dentro do estojo. — Não me diga que essas velharias são as jóias da família!

— Isso mesmo. A senhora não deixa o patrão comprar jóias.

— Não? — perguntou Carmen, curiosa. — Bem, dentro em breve vou permitir que ele me cubra de brilhantes. Enquanto isso, terei de usar estas bobagens aqui... — disse, pegando um lindo colar. — Ponha no meu pescoço, Magnólia! Pelo visto, deve ter pertencido à tataravó de John.

— Isso mesmo. A senhora herdou as jóias dos Winston.

— Muito interessante! Mas, para que nada aconteça a elas, serão todas doadas a algum museu.

Carmen adiantou-se para o espelho.

— Ora vejam! — exclamou, observando o corpo de Magda. — As pernas dela são mais bem-feitas do que eu esperava.

— Dela?! — fez Magnólia, arregalando seus já grandes olhos.

— A que horas é o jantar? — perguntou a outra, dando uma volta sobre si mesma e olhando-se no espelho.

— Jantar?!

— Não fique olhando apalermada quando eu falo! Você vai ter de se acostumar comigo!... Mas não se preocupe. Não estou zangada, não. Estou até de muito bom humor!

Carmen concluiu dando umas palmadinhas na coxa de Magnólia.

A cozinheira retirou-se completamente atarantada e, uma vez mais, não conseguiu segurar o choro.

23- A CADEIRA VAZIA

Carmen apareceu vestida em sua diáfana camisola.

— Então, John? — disse ela. — Que acha?

John cobriu os olhos com as mãos. O médico, perfeito cavalheiro, respondeu pelo amigo.

— Está linda!

Carmen parou graciosamente diante do Dr. Luís e, depois de olhá-lo por algum tempo, virou-se para John.

— E aí, meu caro? Não vai me apresentar?

John olhou-a, cheio de espanto, e voltou-se para o médico, em busca de ajuda.

— Luís? — disse o milionário, suplicante.

— Luís? — repetiu ela.

— Ora, querida! — exclamou John, subitamente recuperando a presença de espírito.

— Tenho o prazer de apresentar-lhe o Dr. Luís Brito.

Depois dos cumprimentos, os três sentaram-se à mesa.

Carmen estava muito falante, e os dois homens ficaram completamente confusos. Volta e meia, os dois olhavam para a cadeira vazia ao lado da de Carmen. John perguntou a si mesmo:

“Será que tio William está sentado ali?”

Então, o médico e o milionário viram a suposta Magda acenar para o hall vazio. Como podiam saber que tio William acabara de passar por ali, a caminho do porão? Os dois amigos se entreolharam. John pigarreou e não se conteve:

— Para quem você acenou, meu bem?

— Para tio William — foi a resposta, imediata.

John pensou consigo: “Pelo menos, sabemos agora que o velho maluco não está à mesa”. Afetando despreocupação, o marido indagou:

— Ele não vem jantar?

— E o que você tem com isso? — perguntou Carmen, secamente. — Nem se dá ao trabalho de falar com ele. Além disso, titio tem coisas mais importantes para fazer.

— Refere-se a alguma fórmula? — interveio o médico, procurando parecer interessado.

— Isso mesmo — confirmou Carmen. — Ele está trabalhando numa nova, sabe?

— Não, não sabia — replicou o Dr. Luís. — A outra já está terminada?

— Se está! — Carmen riu, misteriosa.

John tentou também demonstrar interesse.

— Querida, essa última fórmula, que finalidade tem?

— Ah, isso não é de sua conta! — disse ela, categórica.

O médico recostou-se na cadeira, numa atitude de profunda concentração.

Carmen estava com um apetite voraz. Absorvida com os deliciosos pratos de Magnólia, nem notou que tanto John quanto o Dr. Luís mal tocaram na comida. Depois



— Querida! — John recuperou a presença de espírito.
— Tenho o prazer de apresentar-lhe o dr. Luís Brito.

de empanturrar-se, inclinou-se na cadeira, passou a mão pelo estômago e sorriu, com uma expressão beatífica.

— Ah, que coisa boa! — exclamou ela. — Aquela preta cozinha mesmo!

John estava tão transtornado que resolveu deixar o salão o quanto antes.

— Acho melhor eu ir tratar de arrumar minhas coisas — pretextou ele.

No mesmo instante, Carmen interveio.

— John Winston, você terá de ficar nesta casa até terminar uma semana!

— Terei de ficar? — repetiu ele, aturdido.

— Isso mesmo. Vamos sair daqui juntos. Está bem claro?

— Aonde iremos depois?

— À cidade, assim que tudo estiver normalizado.

— Tudo o quê?

— Nosso futuro, é claro!

— É claro — concordou John, em tom vago.

— E, tão logo saia o desquite — continuou ela, com ar de triunfo —, voltaremos para cá em caráter definitivo.

John levou a mão à testa dolorida.

— Com licença — disse, quase num sussurro.

Ao sair da sala seguido de Sunshine, o milionário procurou andar o mais firmemente possível, mas parecia bem atordoado. Carmen acompanhou-o com os olhos e comentou:

— Pobrezinho! Não admira que esteja tão abalado! Eu mesma estou esquecida de quem sou... — E, esboçando um sorriso, Carmen apontou o próprio corpo: — O coitado pensa que terá de passar o resto da vida com Magda.

Pela primeira vez em décadas, o Dr. Luís começou a sentir-se um pouco tonto. Se pudesse juntar-se a John no jardim, aspirando um pouco de ar puro...

Mas precisava demonstrar tranqüilidade em face das extravagâncias de sua cliente. Agora, não tinha apenas Magda para atender. John também precisava de cuidados. A fim de ajudar os dois, o Dr. Luís devia manter-se completamente equilibrado.

Quando o médico ainda estava procurando o que dizer, Sin Low entrou na sala, dirigindo-se a Carmen.

— Madame prefere o café na saleta? — perguntou o chinês.

— Pode ser — concordou ela, pondo-se de pé e oferecendo o braço ao doutor. — Vamos ter uma conversinha em particular, Luís. Aliás, você sabe onde fica a saleta?

24- O SEGREDO TEM QUE SER MANTIDO

Caminhando lentamente pelo grande hall, Carmen perguntou ao Dr. Luís, em tom confidencial.

— Que acha de tio William?

— Para ser franco, não o conheço bem.

— Vai dizer que você também implica com o pobrezinho?

Carmen então lembrou-se de algo, poupando o médico de ter de responder à pergunta.

— Que cabeça oca eu sou! Esqueci-me de dizer à tal Magnólia que levasse o jantar de tio William ao laboratório.

A atriz afastou-se para a cozinha, mas voltou-se ainda para o Dr. Luís.

— Daqui a pouco, tomaremos café juntos.

Quando ficou só, o médico abriu sua maleta e, tirando um vidro de calmante, foi ao encontro de John no terraço.

— Tome um destes comprimidos — ofereceu o médico. — Você vai se sentir melhor.

John enfiou um comprimido na boca, e o médico fez o mesmo.

— Ah, Luís, quando Magda disse que queria desquitar-se e ficar comigo, foi como se eu levasse um coice.

— Meu caro, não comece a fazer disso um cavalo-de-batalha.

— Você não ouviu o que ela disse?

— Talvez até demais.

— Luís, acho que Magda está procurando imitar Carmen.

— Ela nem sabe quem é Carmen — tranqüilizou-o o médico.

— Com certeza leu muitas coisas a respeito dela nas revistas e jornais. Você viu seu modo de falar e agir? E o rosto cheio de maquiagem? Está até usando o perfume de Carmen!

O médico fez silêncio por um momento e então reconheceu, pesaroso:

— John, penso que estamos no caminho errado. Eu me enganei quando sugeri que fingíssemos acompanhar a imaginação de Magda. Os acontecimentos desta noite levaram-me a uma conclusão diferente.

— Qual?

— Acho melhor eu desistir. Você deve chamar um especialista.

— Isso nunca! — retrucou John, alarmado. — Por favor, não me abandone numa situação tão crítica!

O apelo calou fundo no coração do Dr. Luís, que se animou e bateu nos joelhos de John.

— Vou curar Magda nem que este seja meu último caso — prometeu.

Ambos se levantaram, e John, sensibilizado, agradeceu ao amigo.

— Mais uma vez, obrigado, Luís.

— Agora, vamos andando. Magda está a nossa espera.

Quando os dois entraram na saleta, Carmen já tomara sua xícara de café. John decidira-se a continuar fingindo naturalidade diante da situação, mas ficou bem abalado quando Carmen levou um cigarro à boca e tragou-o com prazer.

— Você está fumando! — espantou-se o milionário.

— Ora, John! — protestou ela. — Seus cuidados chegam ao ridículo! — Carmen virou-se para o médico, sorrindo. — De vez em quando, gosto até de fumar cachimbo. É delicioso... e tão relaxante!

O médico notou o deplorável estado de John.

— Não vai tomar café, John? — perguntou o doutor, aproximando-se da mesa para encher duas xícaras.

— Sabe de uma coisa, querido? — Carmen voltou a falar.

— Estive olhando esta saleta e acho que, com umas alteraçõezinhas aqui e ali, ela pode se tornar um lugar até suportável.

Houve um silêncio constrangido. Mais uma vez, o Dr. Luís contornou a situação:

— Sempre admirei esta saleta, especialmente as vigas — disse, levantando os olhos para as traves de carvalho do teto.

— Pode ficar com elas — assegurou Carmen.

— Posso?!

— Claro. — Ela fez um gesto negligente. — Vou mandar tirar todas. Só servem para criar cupim.

O milionário gemeu baixinho.

— Vou transformar este necrotério numa sala decente — prosseguiu a atriz, soltando uma baforada para cima. — E vou perfumar a casa inteira com Pétalas de Lótus.

John sentiu algo bem semelhante a um murro no estômago.

— Tudo aqui é velho demais! — Carmen se empolgara. — Vou mandar pintar a casa toda de verde-limão, com janelas vermelhas!

— Isso não! — protestou John, com o bigodinho eriçado.

— Não tenha dúvida! — confirmou Carmen. — E vou acabar de uma vez com as velharias, incluindo Egbert.

— Quem?

— O Furibundo.

— Hã?

— Ora essa, o da armadura.

— Armadura? Ah...

— Não posso tolerar que você mantenha aquela ratoeira no hall, ainda mais com os restos do falecido!

John achou melhor não perguntar mais nada.

— Vou modernizar a casa inteira. Os quartos vazios estarão sempre ocupados por hóspedes.

— Hóspedes?! — John estava de queixo caído.

— Ficarei famosa por minhas festas, mas é claro que arranjurei uma folguinha para criar os garotos...

John não a deixou terminar e lastimou-se:

— Oh, céus!

Carmen, então, fez uma pergunta que guardara à espera de um bom momento.

— John, vou lhe fazer uma pergunta muito importante e quero uma resposta sincera. Está entendendo?

John concordou com a cabeça, pressentindo o pior.

— Você gosta de Carmen de Luna?

O milionário respirou aliviado.

— Querida, você não imagina como eu fico feliz por ouvir essa pergunta. Estava apenas esperando uma oportunidade para esclarecer tudo. Luís pode confirmar o que digo. Carmen de Luna só serviu para provar que não posso viver sem você. É você que eu amo, Magda, só você.

Ele ia continuar, mas calou-se ante a cólera que se estampava no rosto de Magda. Os dois homens nunca a haviam visto tão alterada. Ela levantou-se, possessa. Gritou, bateu o pé e disparou:

— Esta traição contra mim vai lhe custar bem caro!

— Não estou compreendendo... — balbuciou John.

— Então vou falar bem claro. — Seus olhos soltavam faíscas. — Sabem quem eu sou?

— Acho que sim — respondeu John.

— Pois aposto que não sabe. Eu — disse a atriz, empertigando-se — sou...

Carmen interrompeu bruscamente suas palavras e levou a mão à cabeça.

— Ai, que tontura! Acho que vou...

Estupefatos, John e o Dr. Luís viram Carmen perder os sentidos. O sinal de aviso da fórmula milagrosa de tio William produzira os resultados esperados: o segredo tinha de ser mantido.

— Vamos levá-la para a cama — adiantou-se Luís.

Os dois carregaram-na para o quarto de Magda. O médico examinou-a e disse, perplexo:

— Que estranho! Ela está mergulhada num sono profundo.

— Sono?!

— Isso mesmo — voltou o médico. — Aproxime-se.

John achegou-se de Carmen e ouviu sua respiração. Depois, o Dr. Luís aconselhou:

— John, tome estas duas pílulas e vá para a cama.

— Não farão efeito — retrucou John, desanimado.

— Com duas você dormirá em poucos instantes. Eu volto amanhã cedo.

25- AGORA, TUDO DEPENDE DE CARMEM

Quando a luz do hall se apagou, a casa já estava em completo silêncio. Tio William cumpria a promessa de desligar a chave geral. Do lado de fora, veio o ruído de passos rápidos no cascalho do jardim. Era Magda, que chegara de táxi. O chofer esperava-a junto à entrada principal.

Ela foi até a janela do laboratório no porão e bateu três vezes no vidro, conforme combinado. Pouco depois, a porta se abriu, devagar. À luz de uma vela, Magda foi recebida por tio William e Sunshine.

— Entre, minha filha, entre! — convidou o velhinho, que já estava em trajes de dormir: camisolão, touca e chinelos.

Sunshine, que não parecia intrigado com o corpo diferente de Magda, festejou a volta de sua dona com o carinho e o entusiasmo de sempre.

— Sunshine! — murmurou ela, ajoelhando-se para tomar o pequinês nos braços. Depois, levantou os olhos para tio William. — O caminho está livre?

— Sim. Tudo está correndo da melhor maneira possível. Nossa amiga Carmen desmaiou esta noite.

— Quê?!

— Pois é, desmaiou — confirmou tio William, satisfeito.

— Ela tentou revelar nosso segredo. — O homenzinho sorriu.

— E ouvi algumas coisas bem interessantes...

— Mesmo? O quê?

— John disse a Carmen que continua apaixonado por você!

— Verdade?! — O rosto de Magda iluminou-se. — Então só me resta voltar para meu corpo!

— Infelizmente, não é assim tão simples...

— Não?

— Não. Depois de recuperar o antídoto, ainda teremos de esperar.

— Mas eu me sinto tão perdida neste corpo... E agora que sei que John gosta de mim...

— Veja bem — atalhou o velhinho, levantando a mão —, Carmen de Luna ainda terá de decidir, por si mesma, que não quer mais nada com John.

— E quanto tempo terei de continuar como Carmen?

— Acho que poderá voltar a seu corpo amanhã.
— Amanhã? — Magda deu um pulinho de alegria.
— Espero terminar minha nova fórmula logo cedo. Entre minha fórmula e a notícia que o Sr. Félix Sá fará publicar, está sua felicidade.
— Tio William, o senhor é o máximo!
— Obrigado, minha filha — agradeceu o velhinho, acanhado. Depois, tomou um ar decidido. — Agora, trate de recuperar o antídoto. Do contrário, todo nosso trabalho será em vão.
— Não se preocupe. Daqui a pouco estarei com a ampola.
— Muito bem — aprovou o tio, vendo Magda subir a escada na ponta dos pés. — Egbert e eu ficaremos de guarda.
— Quem é Egbert?! — perguntou Magda, num sussurro.
— Ninguém. É só uma brincadeira. Depois eu explico... Sunshine seguiu a dona, mas a um sinal dela não emitiu nem o mais leve ruído.

26- ALGUMA COISA ESTÁ ANDANDO NO ESCURO

Devagar, com todo o cuidado, Magda abriu a porta do quarto. Carmen mexeu-se na cama, gemendo baixinho. Magda abaixou-se. Para sua sorte, o luar iluminava suficientemente o cômodo. Adiantou-se para a gaveta onde guardava a bolsa, imaginando que Carmen também a colocara ali.

Ao puxar a gaveta, não pôde evitar um rangido. Carmen acordou, apavorada, sem coragem de fazer nenhum barulho.

Magda apalpou o interior da gaveta, à procura da bolsa. Encontrando-a, abriu o fecho e tirou a ampola. Depois, trêmula, repôs a bolsa no lugar e engatinhou para a porta, onde Sunshine a esperava, intrigado com a posição um tanto estranha de sua dona.

Carmen sabia que algo estava se arrastando pelo quarto. O medo, porém, era tão forte que ela não tinha nenhuma vontade de descobrir do que se tratava. Finalmente, conseguiu levantar a cabeça, vendo alguma coisa rastejar para fora. A atriz quis gritar, mas não conseguiu. A porta fechou-se silenciosamente.

27- MANHÃ DE SOL, MAS UM DIA DAQUELES...

Sílvio Neto saiu apressado do elevador e tocou a campainha do apartamento de Carmen de Luna. Sofia veio abrir a porta. O produtor, com o jornal da manhã debaixo do braço, passou por ela e entrou na sala.

— Bom dia, Sofia! — cumprimentou, muito bem disposto.
— Mesmo, seu Sílvio? — perguntou a empregada, maliciosa.
— Passei aqui para levar Filomena, isto é, Carmen, ao teatro — disse ele, olhando em torno. — Onde está ela?
— Dormindo.
— Dormindo?!
— Ela passou a noite toda fora.

— É? — Ele não parecia muito surpreso. Consultou o relógio. — Mas já são nove horas! Ela vai chegar atrasada ao ensaio.

Sofia correu a acordar a patroa, abrindo a janela do quarto e deixando entrar a luz do sol. Magda sentou-se na cama, piscando os olhos de Carmen.

— Onde estou? — perguntou, ainda tonta de sono.

— Tome! — a empregada entregou-lhe um roupão. — Sílvio Neto está esperando na sala.

— Sílvio Neto?! — Uma expressão aflita contraiu a fisionomia de Magda. — O produtor teatral?

— É — respondeu a criada, estranhando a pergunta. — Vai levá-la ao ensaio.

— Ensaio?! — Magda entrou em pânico. — Mas eu não sei representar!

— Também acho... Mas, se a senhora faltar outra vez, o seu Sílvio nunca mais volta.

— Como assim?

— Bom, ele coloca a senhora na lista negra.

— Diga a ele que estarei pronta num minuto — pediu Magda, com o coração na boca.

— Ainda bem! — aprovou Sofia.

Ao entrar na sala e ver Sílvio Neto pela primeira vez, Magda estava bem nervosa. Aos olhos do produtor, porém, Carmen valia um dinheirão em bilheteria.

— Eu sabia que você pensaria melhor — cumprimentou-a Sílvio, sorrindo. — Por isso, não interrompi os ensaios nem combinei coisa alguma com Lilian Dias. Mas por que não falou comigo antes de anunciar sua decisão aos jornais?

— Bom, eu... hã... quis fazer uma surpresa.

Sílvio deu uma gargalhada.

— Surpresa vai ser a do Anfiteatroff quando entrarmos juntos no teatro. Aliás, ele também vai ter de aparecer com o dinheiro da aposta.

— Aposta? — murmurou Magda. Anfiteatroff era o maior diretor de teatro de São Paulo.

Sílvio prosseguiu:

— Ele apostou o valor de meia lotação do teatro, dizendo que você não voltaria. Chamou-me de maluco por eu continuar os ensaios. Mas meu princípio é: uma verdadeira artista não falha. E você é uma grande artista. Um tanto temperamental e explosiva, talvez. Principalmente quando a chamam por seu verdadeiro nome...

— Meu nome? — estranhou ela. — Mas não é Carmen de Luna?

O produtor voltou a rir.

— Aí está a prova do que acabo de dizer. Só uma grande atriz seria capaz de fazer essa cara. E agora — Sílvio tornou a consultar o relógio — temos só o tempo de parar no caminho e tomar um cafezinho bem rápido.

— Mas qual é meu nome? — insistiu Magda.

Sílvio, que já se encaminhava para a porta, estacou e voltou-se para Magda. Por um momento, encarou-a, confuso. Mas logo recuperou o bom humor.

— Se não a conhecesse, eu seria capaz de jurar que você realmente não sabe que seu nome é Filomena Stoppa.

— Filomena Stoppa?! — repetiu Magda. Foi sua vez de rir. — Eu jamais poderia imaginar...

Sílvio abriu a porta, sentindo-se feliz da vida. Afinal, sua maior estrela parecia estar num de seus melhores dias. Magda o seguiu. Ele nem desconfiava de que a moça tremia dos pés à cabeça, como se caminhasse para a forca.

Antes de fechar a porta, Sofia olhou para sua patroa e pensou em voz alta:
— Macacos me mordam se essa é a Carmen de Luna que eu conheço!

28- SER OU NÃO SER

Naquele momento, as coisas não estavam correndo como de hábito na mansão Winston. John, que sempre acordava muito cedo, dormira demais, por causa dos dois comprimidos. Carmen tivera um sono agitado e também acabara dormindo mais que de costume. Depois da incursão noturna de Magda, a atriz decidira-se a correr para o quarto de John e abrigar-se nos seus braços, mas novo sinal da fórmula aparecera e ela desistira. Tudo isso deixara Carmen exasperada. Quando saiu do quarto, batendo a porta, estava com cara de quem acordou com o pé esquerdo.

Nesse momento, tio William veio do porão com um sorriso radiante, aproximando-se de Carmen.

— Acabei minha fórmula!

— Espero que seja mais suave que a primeira — resmungou Carmen.

Tio William forçou uma expressão de surpresa.

— Refere-se ao desmaio? Teve algum efeito?

— Estou enjoada deste corpo e de tudo aqui!

— Já? — Tio William fingia admiração.

— Quero voltar para meu corpo!

— Mas, minha filha, isso depende inteiramente de Magda...

— Que tem ela com isso?

— Magda não lhe contou que possuía o antídoto?

— Não!... Mas espere aí! Quer dizer que os efeitos da fórmula não terminarão em uma semana?

O velhinho arregalou os olhos azuis.

— Foi o que ela lhe falou?

Carmen aproximou-se de tio William, ameaçadora.

— Quero que me diga a verdade! — exigiu. — A verdade, ouviu?

— Os efeitos da fórmula, minha filha, durarão até que as duas decidam tomar juntas o antídoto. Só então voltarão ao corpo original.

— O senhor não pode fazer nada para tirar-me desta situação?

— Sem o antídoto, não — desculpou-se ele, com simplicidade e tristeza.

— Mas não pode preparar outro?

— Posso, mas o trabalho vai demorar uns quarenta anos.

— Ah! Já havia esquecido... — suspirou Carmen, vencida.

— Mas há uma coisa que posso fazer — encorajou-a tio William.

— O quê?

— Minha próxima fórmula apressará os acontecimentos.

— Verdade?

— É. Mas há uma condição: você precisa estar completamente desinteressada de John.

Carmen entrecerrou os olhos, que refletiam um ódio intenso.

— Desinteressar-me dele?! Nunca!

Tio William deu de ombros.

— Sendo assim, lamento não poder fazer nada.
— Espere até eu dizer a Magda que John gosta dela! Então, terei o prazer de não tomar o antídoto.
— É uma solução hábil, mas que será de sua carreira?
— Deixe minha carreira fora disto! — retrucou, revoltada.
Depois, virou-se e levou sua fúria para o salão de jantar. Tio William riu discretamente e ficou espiando da porta. Carmen sentou-se à mesa, bem diante do jornal.
O homenzinho observou Carmen apanhar o jornal e procurar a coluna de Félix Sá, sua preferida. De repente, a atriz levantou-se e rasgou o jornal, num gesto bem próprio de Filomena Stoppa.
— Ela não pode fazer isso comigo! — gritou Carmen. — Não vou permitir!
E jogou o jornal no chão, pisoteando-o com toda a raiva de que era capaz.
Muito satisfeito, tio William esfregou as mãos e correu para a escada. Carmen apareceu no hall, chamando-o.
— Tio William! Tio William! Prepare-se. Vamos agora mesmo à cidade!
— À cidade?! — Ele fingia surpresa.
— Magda está ensaiando meu papel na peça, e quero impedir isso!
— Mas eu pensei que você desejasse continuar como Magda Winston.
— Então acha que vou deixá-la arruinar minha carreira? — esbravejou Carmen.
— Quer dizer que mudou de idéia? Vai tomar o antídoto?
— Claro que vou! Ela não vai conseguir envergonhar meu nome!

29- E AGORA, ANFITEATROFF?

Era evidente que a estrela Carmen de Luna esquecera tudo o que sabia da arte de representar.

Por alguns momentos, Anfiteatroff achou engraçadas as atitudes de Magda, julgando que ela estivesse de brincadeira. Assim, resolveu participar do jogo.

Mas o ensaio prosseguiu, e ela continuou na mesma. Anfiteatroff e Sílvio Neto ficaram alarmados.

Anfiteatroff, com sua paciência quase acabando, pediu um intervalo de quinze minutos. Depois, parecendo bem esgotado, desceu do palco e juntou-se a Sílvio na platéia.

— Céus, Sílvio! Que houve com a Carmen? — sussurrou o diretor.

Sílvio passou o charuto para o outro lado da boca.

— É mais um golpe sujo.

— Mas por quê?

— Está de cabeça virada por aquele milionário e quer a todo o custo ser uma grã-fina. Esta volta ao teatro não passou de uma jogada. Carmen quer que a dispenseemos, para ficar livre da multa contratual. O pior é que não teremos tempo de arranjar substituta.

— Você está certo. Eu a conheço bem. Dobro a aposta em que ela vai obrigá-lo a desmanchar o contrato.

— Sério? — perguntou Sílvio. — Agora será uma lotação completa.

— Que eu ganharei — emendou Anfiteatroff, voltando ao palco.

30- QUEM QUERIA NÃO QUER, QUEM NÃO QUERIA QUER

No camarim, Magda estava diante do espelho, estudando seu papel. Gostava de Sílvio Neto e considerava Anfiteatroff um verdadeiro gênio. Como ele sabia explicar as coisas mais insignificantes! Quanto aos atores, Magda nunca tivera contato com um grupo de pessoas tão atraentes. Todos eram tão simpáticos e delicados!

“Eu talvez tenha algum talento oculto que o Sr. Anfiteatroff descobriu”, pensava ela. “Seria uma coisa maravilhosa. John ficaria tão orgulhoso de mim!”

Uma batida na porta interrompeu essas idéias.

— O Sr. Anfiteatroff já está no palco — anunciou o contra-regra.

— Estou indo! — respondeu Magda com entusiasmo, correndo para a porta.

Quando Carmen e tio William chegaram ao teatro, todos já tinham parado para o almoço. Carmen adiantou-se pela ala lateral.

— Eu a espero aqui — disse o velhinho, acomodando-se numa sombra sob a escada de incêndio.

— Está bem — concordou Carmen, seguindo apressada pelo corredor dos camarins.

Ao chegar à porta de seu camarim, não se deu ao trabalho de bater e foi logo entrando.

— Olá, Carmen — saudou Magda, muito serena.

A atriz tinha um olhar chispante.

— Você não me disse que ia voltar ao teatro em meu lugar! — explodiu Carmen.

— E só quando já estava em meu corpo você resolveu dizer que John ia voltar para a mansão. Portanto...

— Mas é uma sujeira o que está fazendo comigo! — a voz de Carmen ficou quase chorosa. — Quero voltar já ao normal!

— Mesmo? — perguntou Magda, sempre calma.

— John gosta é de você! — disse Carmen, julgando que isso seria suficiente para pôr fim imediato ao acordo.

— Eu sei disso — foi a serena resposta de Magda.

Carmen fitou-a nos olhos.

— Mas não era isso que a preocupava?

— Era. Só que, nesse meio-tempo, descobri outra coisa.

— O quê?

— Que também posso ter minha carreira! — anunciou, orgulhosa.

— Como é?! — Carmen estava boquiaberta.

— Nunca pensei que tivesse talento, mas esta manhã mudei de idéia.

— Deixe de bobagem! Seu lugar é na platéia, não no palco.

— Tenho valor, sim, senhora! — protestou Magda. — O Sr. Anfiteatroff me disse isso.

— Você deve estar doente...

— Talvez, mas vamos terminar nossa experiência nas mesmas condições. Sabe que estou adorando a possibilidade de me apresentar para o público?

Carmen olhava incrédula para Magda, que completou:

— Agora, se me der licença... Preciso decorar minhas falas. O Sr. Anfiteatroff me ensinou uma porção de coisas.

— Ensinou?! Não acredito no que estou ouvindo.

— Pois acredite. O elenco também me elogiou. Alguns até se desculparam pelo mau juízo que faziam de “mim”.

Carmen estava tão angustiada que se voltou e saiu sem dizer palavra. Por alguns instantes, Magda ficou olhando para a porta. Depois, deu de ombros e continuou a recitar o papel.

31- O SEGREDO NO BOLSO DO COLETE

Sem nenhuma pressa, profundamente abatida, Carmen aproximou-se de tio William. Ele estava sentado num dos degraus da escada de incêndio e balançava as pernas displicentemente.

— E então, minha filha?

— Ela não quer tomar o antídoto — respondeu Carmen, acabrunhada.

— Não?

— Não. Magda quer fazer carreira no teatro. Minha carreira!

— Não é possível! Isso não! — retrucou tio William, afrouxando a gravata, agora sinceramente surpreso.

Pela primeira vez em muito tempo, Carmen de Luna chorou de verdade, não como mulher, mas como criança contrariada. Apiedado, tio William tirou o lenço para enxugar as lágrimas da moça, que escondeu o rosto no ombro do velhinho.

— Ela não me deixará voltar para a peça. Todos os meus anos de trabalho duro vão para o brejo. Serei considerada uma amadora sem talento... — lamentou-se a atriz, entre soluços.

Tio William tentou animá-la:

— Vamos, coragem! Chorar não adianta.

Carmen soluçou mais ainda:

— Eu nunca deveria ter abandonado minha carreira...

— Agora que já descobriu isso — sussurrou tio William, carinhosamente —, acho que vou entrar em ação.

Carmen levantou os olhos úmidos.

— Quer dizer que o senhor pode me ajudar?

— Claro, mas desde que você prometa não mais dar em cima de John.

— Prometo, titio — assegurou Carmen. — John não me interessa mais. Meu lugar é o palco. Eu amo o teatro, tio William!

— Muito bem. — Tio William convenceu-se de que Carmen falava a verdade e estava realmente interessada em continuar sua carreira. — Já que está me dando sua palavra, vou agora mesmo procurar Magda. Sei como fazê-la mudar de idéia.

Nisto, ele bateu os dedos no bolso do colete, piscando marotamente para Carmen.

Ansiosa, Carmen viu o homenzinho afastar-se nas sombras do corredor.

32- A NOVA FÓRMULA

Tio William não teve dificuldade para encontrar o camarim de Magda, pois ela estava recitando bem alto. Sem fazer ruído, ele abriu a porta e entrou. Magda andava de um lado para outro, diante de um enorme espelho. O velhinho ficou surpreso com o entusiasmo da moça.

— Minha filha — interrompeu ele —, espero que me perdoe a intromissão.

Magda virou-se rapidamente.

— Tio William! Que bom vê-lo! Sente-se, por favor.
Ele acomodou-se numa cadeira estofada.
— Carmen disse que você pretende seguir carreira no teatro...
— É verdade. Sou uma artista, tio! Só em pensar nisso, fico toda arrepiada!
— Ora, ora! — sorriu ele.
— Todos olham para mim com admiração. Não pense que fiquei uma convencida, mas estou me saindo tão bem! O próprio diretor diz que, em toda a sua vida de teatro, nunca viu um desempenho assim.
— É mesmo?
— E o Sr. Sílvio Neto fica o tempo todo de queixo caído.
— Mas e John?
— John? Não posso ter John e minha carreira?
— Claro que pode. Mas quero lhe fazer uma pergunta. Se tivesse de escolher entre a carreira teatral e uma criança, com que você ficaria?
— Ora — respondeu Magda, como se pensasse que tio William estava brincando — com a criança, sem dúvida.
Tio William suspirou aliviado.
— Já esperava essa resposta.
— Mas, tio William, nestes cinco anos John e eu...
— Sei disso. Só que agora eu também estou em cena.
Os olhos de Magda brilharam.
— Será que sua nova fórmula?...
— Exatamente — disse ele, com um sorriso que ia de orelha a orelha.
Magda o viu tirar do bolso do colete duas pequenas ampolas, uma com um líquido rosa, e outra com um azul.
— Pode escolher — disse ele. — A cor-de-rosa é menina. A azul, menino.
Feliz da vida, mas ainda atordoada pela novidade, Magda exclamou:
— Ah, tio! Não consigo escolher!
— Não se precipite. Não há pressa. Magda aproximou-se.
— Ora! — riu, surpresa consigo mesma. — Como sou boba! A solução é tão simples...
Tio William não cabia em si de contentamento.
— Eu já esperava essa reação, minha filha.
— Um casal de gêmeos!
— Mas você está pronta a esquecer a carreira no teatro?
— Teatro?! Não vê que o que está me oferecendo é o que eu sempre quis? — retrucou, abraçando o velhinho. — O senhor é um gênio, tio William!
— Obrigado, minha filha. — Ele esforçou-se por esconder sua emoção. — Não acha melhor chamar Carmen de Luna? Agora ambas poderão tomar o antídoto.
Magda levantou o rosto molhado de lágrimas e sorriu.
— Muito bem, tio William. Carmen de Luna não gostaria de ter gêmeos!
Magda saiu do camarim voando.

33- UMA COMPOSIÇÃO FEITA DE ESPERANÇAS E SONHOS

No camarim mesmo, tio William repartiu cuidadosamente entre dois copos o antídoto verde-esmeralda.

— Muito bem, meninas! É o fim de nossa notável experiência. — Entregou um copo a cada uma. — Façamos votos de que este seja o começo de um brilhante futuro para ambas.

— Obrigada — agradeceu Magda.

— Obrigada — repetiu Carmen.

Então, as duas moças se olharam e sorriram.

Tio William riu vendo as duas fazer careta ao sorver um líquido tão amargo.

Magda, já de novo em seu verdadeiro corpo, suspirou profundamente e disse:

— Que alívio!

— E verdade — concordou Carmen. — Parece a volta ao lar!

Nesse instante, bateram à porta.

— O Sr. Anfiteatroff está a sua espera, Carmen — avisou o contra-regra.

— Já estou indo — disse ela, alegre.

Pensativa, Magda ficou olhando a atriz retirar-se.

— É engraçado, tio William. Agora tenho certa afeição por Carmen de Luna.

— Eu também — disse o velhinho. Depois, tomou o copo vazio das mãos de Magda, lavou-o com todo o cuidado na pequena pia do camarim, secou-o com uma toalha limpa e despejou nele o conteúdo das duas outras ampolas. Seus olhos brilhavam de satisfação. Entregou o copo à sobrinha.

— Com meus cumprimentos! — brindou ele.

Magda bebeu e ficou admirada.

— Tem um gosto delicioso!

— Não é para menos. A composição é toda de esperanças e sonhos!

— Quero voltar já para casa e ficar junto de John!

34- DE VOLTA AO LAR

Sem fazer nenhum barulho, Magda e tio William entraram no hall da mansão.

— Antes de ver John, quero descansar um pouco — sussurrou Magda.

— E eu estou ansioso por começar minha nova fórmula.

— Quê? Outra fórmula?

— Isso mesmo, minha filha. E esta será mais revolucionária ainda!

— Tio William, obrigada por tudo que fez!

Magda beijou-o no rosto, e tio William afastou-se para o porão.

Ao atravessar o hall, Magda sentiu-se muito fatigada. A cama de seu quarto pareceu-lhe tão macia, tão tentadora...

Subiu para o quarto. “*Vou deitar-me só alguns minutos*”, pensou.

Mas Magda logo mergulhou num sono profundo. Os acontecimentos do dia a haviam esgotado.

35- COISAS QUE NINGUÉM EXPLICA

De repente, o ruído de uma explosão acordou Magda.

— Tio William! Tio William! — gritou a moça, sentando-se na beira da cama. Ainda mais assustada, ela viu dois vultos no quarto quase escuro.

— Graças a Deus, Luís! — disse a voz do marido. — Ela voltou a si!



*A fisionomia de Carmen iluminou-se:
— Vocês estão enganados...*

— Preciso ajudar tio William! — continuou ela, procurando levantar-se. Mas as gentis mãos do médico a seguraram pelos ombros.

— Calma, Magda!

— Querida — interveio John —, tio William está morto há quarenta anos.

— Você deve ter sonhado, e o barulho da trovoadas a assustou — disse o médico, tranquilizador.

Nesse momento, como se a tempestade quisesse confirmar as palavras do Dr. Luís, outro trovão sacudiu a mansão inteira. Magda chorou, angustiada.

— O pobre tio William ficou de novo trancado no quarto do sótão!

Muito confusa, ela nem percebera que estava com um vestido de festa, escolhido para comemorar o quinto aniversário de casamento dos dois.

— Querida — John

aproximou-se dela —, procure esquecer tio William.

— Não posso! Ele foi tão bom para mim... Me ajudou a fazer que você voltasse para casa e deixasse Carmen de Luna!

— Meu bem — John sorriu —, sinto desapontá-la, mas não houve nada entre mim e Carmen de Luna.

— Mas... — insistiu Magda, fitando John. — E aquele artigo que eu li na hora do jantar?

— Esses repórteres estão sempre cometendo erros e provocando situações embaraçosas. Foi o que aconteceu dessa vez. Ontem, conheci Carmen de Luna no Clube de Tênis. Um desses jornalistas bisbilhoteiros deve ter me visto conversar com ela e logo inventou o romance.

— Quê?! — espantou-se Magda.

— John está dizendo a verdade, Magda — confirmou o médico. — Ele me mostrou a notícia que causou seu desmaio.

Magda estava descrente e decepcionada.

— Você não teve nada com Carmen de Luna?

— Não, querida.

A afirmação categórica de John fez Magda chorar ainda mais.

— Ah, tio William e eu trabalhamos tanto para trazer você de volta! E eu simpatizava tanto com ela!

John levantou o rosto molhado de lágrimas da mulher e disse-lhe:

— Você vai esquecer todo esse sonho, e sabe por quê?

— Não.

— Porque Luís tem uma notícia formidável.

Magda continuou a chorar, ainda mais triste, pensando na última fórmula milagrosa de tio William.

— E eu... eu tinha uma novidade para lhe contar... se o sonho fosse verdadeiro...

— Magda — falou o Dr. Luís, sem se perturbar —, você vai ser mãe.

— Quê?! Vou mesmo ter um filho?

— Vai — confirmou John, feliz.

— Mas não! — retrucou Magda.

— Vai, sim! — insistiu o médico.

A fisionomia de Magda iluminou-se com um sorriso vitorioso, e a moça falou devagar, saboreando cada palavra:

— Vocês estão enganados... Não vou ter um filho... Vou ter gêmeos! Um casal!

— Gêmeos?! — perguntou John. — Um casal?!

— Como pode saber? — perguntou o médico, sorrindo, incrédulo.

— Porque tio William é um gênio!

Meses depois, para espanto de John e do Dr. Luís, o sonho tornou-se realidade.

* * *

* *

*